



Luã Araujo Reis

Os torcedores na Revolução de 2011 no Egito

Rio de Janeiro

2018

OS TORCEDORES NA REVOLUÇÃO DE 2011 NO EGITO: a participação das  
torcidas organizadas na insurreição popular

Luã Araujo Reis

Instituto de História / CFCH Bacharelado em História

Prof. Dr.

Murilo Sebe Bon Meihy

Rio de Janeiro

2018

OS TORCEDORES NA REVOLUÇÃO DE 2011 NO EGITO: a participação das  
torcidas organizadas na insurreição popular

Luã Araujo Reis

Monografia submetida ao corpo docente do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel.

Aprovada por:

Prof. Murilo Sebe Bon Meihy - Orientador

Prof. Dr.

Prof. Fernando Vale Castro

Prof. Dr.

Prof. Ricardo Castro

Prof. Dr.

Rio de Janeiro

2018

## RESUMO

Reis, Luã. **Os torcedores na Revolução de 2011 no Egito**: a participação das torcidas na insurreição popular. Orientador: Murilo Sebe Ben Meihy. Rio de Janeiro: UFRJ / IFCS / Departamento de História; 2018. Monografia (Bacharelado em História).

Essa monografia discute o papel das torcidas organizadas nos movimentos políticos que modificaram as estruturas políticas da sociedade egípcia em 2011. Primeiramente, analisa-se a formação do futebol a partir de jogos populares na Europa medieval, ressaltando as especificidades do jogo. Em seguida, a transformação na modernidade do jogo para o esporte, e daí a mundialização via Império Britânico. No capítulo seguinte, se observa o envolvimento do futebol com a história política do Egito, no qual o esporte é termômetro dos governantes bem como agente das mudanças, destacando-se a história dos clubes mais importantes, a mudança no perfil do torcedor e os sentidos políticos do confrontos entre Egito e Argélia pelas eliminatórias africanas para a Copa do Mundo. No capítulo III, se debate a organização dos torcedores seguida da participação nos processos políticos do país.

## ABSTRACT

Reis, Luã. **Os torcedores na Revolução de 2011 no Egito**: a participação das torcidas na insurreição popular. Orientador: Murilo Sebe Ben Meihy. Rio de Janeiro: UFRJ / IFCS / Departamento de História; 2018. Monografia (Bacharelado em História).

This monograph discusses the role of organized football supporters in the tables that modified the structures of Egyptian society in 2011. First, the formation of football as a popular games in medieval Europe, emphasizing the specificities of the game. Then there is a shift in the modernity of the game to the sport, and hence the globalization by the British Empire. There is no detail to follow, as is the case of the government report of the rulers, as well as the description of the relations between the governors and the rulers. clashes between Egypt and Algeria for the African qualifiers for the World Cup. Chapter III discusses the organization of subsequent work, the organization of the fans is discussed, followed by participation in the country's political processes.

# Sumário

Introdução.....	7
Capítulo I: Dos jogos tradicionais locais ao esporte moderno mundial .....	10
Capítulo II: O Egito e o Futebol: a construção da nação moderna em jogo .....	27
Capítulo III: A Revolta Torcedora.....	42
Considerações Finais .....	66
Referências.....	72

## Introdução

No primeiro dia de fevereiro de 2012, um massacre no Egito surpreendeu o mundo: em um estádio na cidade de Port Said, no norte do país, após uma partida, torcedores do Al Masry invadiram o espaço reservado nas arquibancadas para a torcida do time visitante, o Al Ahly, provocando um confronto que causou setenta e quatro mortes e milhares de feridos. Os torcedores do Al Masry entraram no estádio armados com facas, bastões, pedras e explosivos, utilizados na investida contra a torcida adversária. Na tentativa de fuga do ataque, a torcida do Al Ahly encontrou os portões de saída trancados. A combinação dos fatores indicam uma negligência cúmplice por parte das autoridades de segurança.

Praticamente um ano antes, em janeiro de 2011, uma série de protestos pelo país derrubaram o governo Mubarak que durava décadas. Se havia alguma dúvida da importância da participação da torcida organizada do Al-Ahly nesses protestos, o massacre de Port Said a desfez por completo. Se Port Said evidenciou a relação dos torcedores com os protestos, ao mesmo tempo abriu uma série de possibilidades para a análise das motivações e das formas que levaram ao inusitado envolvimento.

Esse trabalho pretende analisar como se deu a participação incomum desse grupo de torcedores no processo político, bem como observar as novas dinâmicas e possibilidades da sociedade egípcia.

Para tanto, o caminho proposto é observar a trajetória da constituição do futebol como fenômeno cultural de massas na modernidade até o envolvimento com o processo político e evento de tal magnitude. No capítulo 1, são comparadas diversas modalidades de jogos lúdicos da antiguidade e do medievo europeu, apontando, o que, fundamentalmente, distingue o futebol de outras modalidades. Os aspectos que fazem do futebol uma importante parte da vida cultural de sociedades tão distintas a partir da compreensão do seu desenvolvimento de longa duração.

No capítulo II, observa-se que, desde o último quarto do século XIX, o jogo se espalha pelo mundo na medida do poderio inglês: onde havia o capital britânico com suas indústrias e investimentos, lá também estava a classe trabalhadora jogando e apresentando o novo esporte para as populações locais. Se a introdução do futebol pelos diversos cantos do globo constituiu um aspecto sintomático e geral da modernidade, reservou também peculiaridades em cada lugar. Aqui, portanto, o singular no caso dessa

nação árabe: o lugar do futebol no Egito. Os pioneiros da bola que entraram no país junto com as tropas imperiais britânicas; a formação dos clubes no período de sucessão de reis, onde já se jogava a independência no clássico do Cairo; o esporte das massas no pós-segunda guerra sob o governo de Nasser; as consequências das crises econômicas a partir dos anos 70, na era Sadat, especialmente sobre os espectadores do jogo, que proporcionaram, gradualmente, já sob a ditadura de Mubarak, o espaço para uma nova forma de encarar o futebol no fim dos anos 90.

No capítulo III, o ainda breve, mas já intenso século XXI no país árabe será debatido. As reformas liberalizantes, políticas e econômicas, entre o fim dos anos 90 e início dos 2000, que não chegaram a abalar a estrutura do poder autoritário, permitiram a formação de novos arranjos e grupos na sociedade civil. Entre esses novos atores, crescem as torcidas organizadas, independente tanto dos clubes e das diretorias, quanto dos militares e religiosos. Articulados em redes, virtuais e reais, esses torcedores são os Ultras: contestadores, jovens, performáticos, críticos e sem receio de responder a altura a violência da repressão estatal. De caso de polícia ao caos político: os Ultras são a tropa de choque da insurreição que derrubou Mubarak e contagiou outras populações da região contra os regimes autocráticos locais.

Nas considerações finais se esboçará tentativas dos desdobramentos da participação dos torcedores na vida política do Egito. O sentido da vida política do Egito pós-Mubarak a partir da ação dos torcedores, como uma forma de superar uma visão ocidentalizante. Por fim, as possibilidades gerais da participação torcedora na política, a partir do processo particular no Egito, levantam questões. Se os torcedores se organizam em diferentes partes do planeta é possível que a participação na política seja uma possibilidade, talvez uma tendência, para outras sociedades que tem o futebol como manifestação cultural central? Se os Ultras são um modelo de torcida presente no Mediterrâneo, podemos observar um envolvimento semelhante ao egípcio na região? O esporte bretão conquistou o mundo, em uma época de afirmação do capitalismo industrial e dos pressupostos liberalizantes. Em um mundo em crise econômica e política, será a vez do modelo egípcio politizado de torcer que se afirmará?



## Capítulo I – Dos jogos tradicionais locais ao esporte moderno mundial

### **As balizas temporais do futebol**

O sociólogo inglês Richard Giulianotti aponta três estágios para a análise da “trajetória histórica do futebol”: o “tradicional”, o “moderno” e o “pós-moderno”. Outros autores, como o historiador britânico David Goldblatt, o teórico literário brasileiro José Miguel Winisk e o jornalista americano Franklin Foer, apresentam o desenvolvimento do jogo em balizas semelhantes, mas não tão explícitas em termos cronológicos quanto introduz Giulianotti.<sup>1</sup>

A primeira etapa, também chamado pelo autor de “pré-moderno”, corresponderia ao período “onde vestígios da era pré capitalista” ou “pré-industrial” ainda estavam muito presentes no jogo, envolvendo a “aristocracia e a classe média tradicional”, cuja autoridade era exercida mais “por convenções” do que por “meios racionais ou democráticos.” Cronologicamente, o futebol “tradicional”, corresponderia ao período entre as décadas de 1820 até 1860. A fase seguinte na periodização proposta pelo autor, a “modernidade”, está relacionada ao desenvolvimento “demográfico e político” da classe trabalhadora e a “rápida urbanização”, cuja a identidade passa a ser definida pelos eixos “de classe, gênero, idade, localidade e etnia”. O sentimento de uma identidade unitária nacional é fortalecido pelo crescimento dos meios de comunicação de massa, as melhorias nas redes de transporte e criação de programas de educação pública. Na modernidade, se estabelecem as regras e instituições que organizam o futebol, bem como se torna um jogo global, processo que se inicia nas últimas décadas do século XIX até as décadas finais do século XX. A partir desse momento, os valores da modernidade são postos em xeque: “a idade contemporânea da pós-modernidade” marcada pela rejeição das “propriedades definidoras da modernidade”. A urbanização dá lugar à “suburbanização” abrigando a “fragmentada classe trabalhadora”. A globalização “dos povos” e “da tecnologia”, além dos mercados e capitais, promovendo uma “cultura híbrida” e uma “interdependência econômica da nações nos mercados

---

<sup>1</sup> FOER, F. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. São Paulo: Zahar, 2005; GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002; WISNIK, J. *Veneno Remédio - O futebol e o Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.

internacionais”. Nesse cenário, vivenciado nas últimas décadas do século XX e nas primeiras do XXI, a identidade nacional se enfraquece devido a imigração e diversidade, muito em função do “ceticismo filosófico”, tanto em relação à ciência quanto as “meta-narrativas” e “grandes teorias”, aliado a uma desconfiança na “fé da modernidade no progresso histórico e iluminismo.”<sup>2</sup>

Giullianoti, no entanto, ressalta que as periodizações apresentadas são como “tipos ideais”, com “uma heurística intrínseca e valor hermenêutico”. As ações e acontecimentos históricos são melhores compreendidos e estruturados através dessas “categorias e classificações úteis”, embora ressalte que a “realidade”, por vezes, foge dessas categorizações. Além disso, as categorias estabelecidas são passíveis de diversas críticas: a globalização migratória e cultural é anterior à revolução industrial; os tipos “tradicionais de autoridade” ainda estão presentes na modernidade e pós-modernidade do futebol; e a pós-modernidade é um conceito carregados de “contradições internas”, como a rejeição das “metanarrativas” por meio de argumentos que são eles mesmos “metanarrativas”.

Por fim, o sociólogo do futebol levanta mais um ponto relativo a periodização da trajetória histórica do jogo, que tem um forte paralelo com a posição do “marxismo superestrutural e com a teoria crítica”: o futebol, assim como outras formas específicas da “superestrutura da cultura popular” conseguem manter uma “relativa autonomia” diante “das estruturas e superestruturas permanentes da sociedade”. O autor defende a posição que “os aspectos do futebol somente passam a ser significativos quando colocados em seu contexto histórico e cultural”. Uma vez que o jogo “não é dependente nem isolado das influências do meio mais amplo; existe uma relativa autonomia na relação entre os dois<sup>3</sup>”. Pierre Bordieu explica a mesma relação nos seguintes termos: “A história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo marcada por acontecimentos importantes da história econômica e social, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução suas crises, em síntese, sua cronologia específica”<sup>4</sup>

### **As pré-histórias do jogo**

---

<sup>2</sup> GIULIANOTTI, R. *op. Cit.*, p 17-19

<sup>3</sup> *Ibid.*

<sup>4</sup> BORDIEU, Pierre “Como é possível ser esportivo?”. P 141.

A periodização apresentada por Giulianotti diz respeito aos momentos do futebol já consolidado, ou em vias de, no entanto, há um momento anterior do jogo. Antes do “consenso inglês”, outros jogos, com aspectos paralelos ao futebol, mas com “uma outra lógica” fundamentalmente distinta, mobilizaram diversas sociedades.<sup>5</sup> Uma breve consideração sobre essas modalidades é necessária para observar, e enfatizar, o que a história social do futebol tem de peculiar e o que a distingue dos outros jogos.

Giulianotti (2002) e Goldblatt (2006) se referem a essas modalidades lúdicas como “A Pré-História do Futebol”. Ambos os autores iniciam examinando o jogo praticado na China, o *cuju*, durante a Dinastia Han (206 a.C. a 221 d.C.), cujo nome pode ser traduzido como “chute-bola”. A bola feita de penas ou pedras revestida de couro deveria ser chutada e carregada até a meta adversária. O jogo era praticado e incentivado no exército, como forma de treinamento militar, sendo bem-visto pela corte imperial. Goldblatt aponta que o poderio comercial e militar chinês levou o *cuju* para outras terras da região. Exemplos disso são o *sepak raga*, jogo praticado na Malásia desde o final do século XV e que pode ser descrito como uma mistura de futebol e voleibol, até o *kemari*, jogo extremamente popular entre a nobreza do Japão a partir do século XII.<sup>6</sup>

Os autores divergem sobre a relação entre essas práticas no leste da Ásia e o futebol atual: para Giulianotti, “é provável que a China tenha o mais convincente argumento para a mais antiga história do futebol”; Goldblatt, por sua vez, nega tal relação, pois não há continuidade comprovada entre o *cuju* e o *kemari* com o futebol surgido na modernidade.

Wisnik também questiona tal “ancestralidade” entre práticas lúdicas com elementos que se assemelham ao futebol surgido na modernidade. O autor cita a observação que Claude Lévi-Strauss realiza sobre uma partida disputada por nativos da Nova Guiné, que “tendo aprendido com os ocidentais” a prática do futebol, as equipes não jogavam para ganhar, mas buscavam incessantemente o empate. Em termos antropológicos, os nativos de Nova Guiné submetiam o jogo “a uma outra lógica, a lógica do rito”. Enquanto no futebol moderno, “parte-se da igualdade para a diferença,

---

<sup>5</sup> “A quadratura do círculo”. In: WISNIK, J. *Veneno Remédio* - O futebol e o Brasil. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.

<sup>6</sup> “A pré-história do Futebol”. In: GOLDBLATT, D. *The Ball is a Round: a Global History of Soccer*. Nova Iorque: Peguin UK, 2006.

do zero a zero para a vitória e derrota”, em uma “subordinação ao princípio da concorrência universal”; no rito, por sua vez, “parte-se da desigualdade para a igualdade” visando a “suspensão simbólica da inferioridade terrível do humano diante da natureza e da morte”

O valor do estudo dessas modalidades de jogos lúdicos com bolas reside na compreensão das diferentes formas que povos e sociedades antigas encaravam os jogos, não em uma busca por quem inventou ou foi o pioneiro do futebol: “o exemplo diz de modo eloquente o quanto as práticas pré-modernas se distanciam disto que entendemos modernamente por jogo. E que, em sua inocência terrível, elas expõem de muito mais aberto o fato de que os da bola conjuram e exconjuram a violência e a morte”<sup>7</sup>

Dentre as diversas sociedades que tinham práticas de jogos com bola, em nenhuma eles tiveram tamanha centralidade na vida social quanto nas da Mesoamérica pré-colombiana. Do surgimento dos Olmecas, por volta de 1200 a.C. até a queda do Império Asteca em 1521, diante dos espanhóis, as sociedades mesoamericanas jogavam com a bola. O campo de jogo era parte de um espaço público ou um templo, normalmente retangular, com altas paredes brancas e frequentemente decorado com murais de colorido brilhante. Nos maiores devia haver até uma espécie de arquibancada. Os jogadores usavam proteções, daí “se depreendendo que a bola era atirada ou rebatida com força”, usando-se os braços, ombros, quadris e até mesmo as nádegas. O objetivo era, basicamente, manter a bola no ar na sua metade ou restringir ao máximo o número de quiques antes de enviá-la para a outra parte do campo. Essas bolas feitas de borracha tecnologia conhecida e desenvolvida por esses povos. O que aponta que a “coalização” entre rito e jogo vivida nessa região só foi possível “pela união da forma esférica com a matéria da borracha” permitindo “um ludicidade única, um domínio emancipador do espaço e uma dimensão cósmica cercada das sombras da violência ritual.”

Entre os Astecas, o jogo era chamado de *Tlacthi*, que pode ser traduzido como “o que se dá para ver”, Wisnik relaciona com a etimologia de “teatro”, do grego, “*theatron*”, apontando o jogo, em certa medida, como “espetáculo”.<sup>8</sup> Goldblatt aponta que o jogo era geralmente acompanhado ou precedido por apresentações teatrais e havia um animado mercado de apostas. Inimigos vencidos na guerra primeiramente jogavam antes de terem suas cabeças cortadas ou seus corações arrancados, o que Wisnik

---

<sup>7</sup> WISNIK, *Op. Cit.* P. 69

<sup>8</sup> WISNIK, *Op. Cit.* P. 73-75

identifica como uma “cadeia simbólica” entre a “bola e a cabeça”, antecipando o ritual do sacrifício.

Achados arqueológicos dão conta de mais de mil e quinhentos campos para a prática do *Tlatchi* e é possível supor que outros tantos tenham se perdido, destruídos pelos colonizadores ou absorvidos pela floresta. Esse elevado número de campos, bem como o tributo anual de dezesseis mil bolas das regiões produtoras de goma cobrados pelo poder central, indicam “uma prática regular e talvez cotidianamente disputada” para além do ritual público. O que confere ao *Tlatchi* uma “autonomia lúdica” que seria rara em outras culturas até meados do século XIX.

Goldblatt conclui a investigação da “pré-história do futebol” justamente por onde se iniciaria, séculos depois, o jogo moderno, no continente europeu. Na “Antiguidade Clássica”, isto é a civilização grega e a romana, os jogos com bola existiam mas sem “interesse significativo”. Os gregos jogavam *episkyros*, cuja a falta de popularidade pode ser atestada pela ausência nas Olimpíadas, sendo apenas um “divertimento”. Os romanos, por sua vez, possuem um envolvimento maior com um jogo de bola, o *harpestaum*, que consistia em levar a bola até a área adversária, resistindo a chutes e socos. De forma análoga ao chinês *cuju*, o exército romano utilizava o *harpestaum* como forma de manter a disciplina e parte do treinamento militar.

Ambos os jogos, *episkyros e harpestaum*, não tinham a popularidade que outras modalidades competitivas na Grécia e em Roma, como corridas de viga e luta de gladiadores, as quais lotavam o Coliseu para mais de cinquenta mil espectadores. Tampouco tinham a centralidade que o *Tlatchi* possui na sociedade asteca. Ainda assim, Wisnik aponta que o *harpestaum* foi com os romanos para as terras invadidas e conquistadas do noroeste da Europa, especificamente a Gália e Bretanha, onde a bola continuaria a ser disputada, por outros jogadores e com outros sentidos.

### **As raízes medievais**

O Rei Lear conversa com o pretendente da filha, o Duque Kent, quanto o servo Oswaldo, inadequadamente, toma a palavra. A irritação do monarca é visível diante da impertinência do serviçal que trabalha para o genro. Não querendo desagradar ainda

mais o soberano, o nobre Kent dá um chute rasteiro no próprio subordinado, xingando: “Você, miserável jogador de futebol...”<sup>9</sup>

Essa cena compõe o ato I da tragédia *Rei Lear*, de William Shakespeare. *Rei Lear* é uma peça que “não oferece nenhum personagem divino ou bom, e não supre da audiência qualquer tipo de alívio de sua crueldade”, sendo uma obra do período propriamente “trágico” do autor. Uma vez que não há presença do divino ou do mágico, cabe a Kent ofender o servo com um termo que se refere a uma prática mundana e de muitas formas condenadas na Inglaterra do século XVII: o “jogador de futebol”. No entanto, a presença do jogo na fala do nobre demonstra um reconhecimento, ainda que crítico, da atividade como significativa daquela sociedade.<sup>10</sup>

O futebol, aponta Peter Burke, tinha lugar nos festejos carnavalescos e de outros feriados religiosos, em diversas localidades da Europa a partir do século X, presente na cultura popular do final da Idade Média. Para além da liturgia católica do início da quaresma, o Carnaval marcava o fim do inverno e a chegada da primavera, e com ela novas plantações e colheitas. Assim, os elementos desses festejos possuem um caráter ritualísticos, reafirmando tradições e promovendo valores. Além das festa propriamente que incluía o consumo exagerado de carnes e bebidas alcoólicas, a música, a dança, Burke destaca três apresentações recorrentes no carnaval: primeiramente, “um desfile” no qual “carros alegóricos com pessoas fantasiadas de gigantes, deusas, diabos”; em segundo lugar, algum tipo de competição, “disputas no ringue”, “corridas”, “cabos de guerra”, ou ainda “partidas de futebol”; e por fim, o terceiro elemento “estrutural” da festividade, era a “apresentação de algum tipo de peça, geralmente uma farsa.”<sup>11</sup>

Burke chama genericamente de “futebol” todos os jogos com cunho ritualístico, presentes no carnaval, durante o período que analisa, entre 1500 e 1800, seja o “jogado na Piazza Signoria” em Florença ou “as partidas de futebol na Terça-Feira Gorda que eram comuns na Grã-Bretanha e no norte da França.” Giulianotti, Goldblatt e Wisnik são mais precisos na delimitação das distintas modalidades existentes no continente durante o medievo. Goldblatt e Giulianotti destacam a centralidade das ilhas britânicas em práticas de jogos com bola. Giulianotti afirma que “os romanos foram responsáveis

---

<sup>9</sup> SHAKESPERE, W. *O Rei Lear*. Rio de Janeiro: L&PM pocket, 2011

<sup>10</sup> KERMODE, F. *A Linguagem de Shakespeare*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p 271-272.

<sup>11</sup> BURKE, P. “O mundo do Carnaval”. In: *Cultura Popular na Idade Moderna – Europa, 1500 - 1800*. São Paulo: Companhia de Bolso, 1989.

pela iniciação dos povos por eles conquistados nos jogos de bola”, fazendo a ressalva que essas práticas já tinham “raízes no norte” como parte “de antigas cerimônias religiosas que invocavam a fertilidade e a adoração dos elementos”. Para Goldblatt tal proeminência dos povos das ilhas britânicas se deve a “autonomia” pela qual “as sociedades célticas mantiveram diante da cultura dominante na Idade Média.” Assim, na Cornualha, sudoeste da Inglaterra, havia o *hurling*; no sul de Gales, o *knappen*; na Irlanda o *kad*; e no sudeste da Inglaterra e no norte da França, o *soule*.

O *soule*, juntamente com o *calcio*, do norte da Itália, é o exemplo mais bem acabado desses jogos praticados na Europa feudal. Devido a abrangência geográfica e demográfica, bem como a capacidade de exemplificar os aspectos desses jogos populares, o *soule* é citação obrigatória na trajetória histórica do futebol. O termo “*soule*” tem a origem no vocábulo celta *heule*, que significa “sol”. A bola, feita de bexiga de porco – animal central no cerimonial carnavalesco – era preenchida com o material disponível na região, como capim, serragem, areia ou sementes. A esfera também levava o nome de *soule*, apontando para uma relação simbólica entre o jogo e os elementos, indicando uma liturgia de cunho pagão. No entanto, a disputa ocorria, além do carnaval, em feriados religiosos, casamentos e missas de domingo, isto é, se relacionando com as práticas católicas. Indo de encontro ao que Burke enxerga como um dos propósitos do carnaval, no qual se está inserido o *soule*: “os sentidos cristãos foram sobrepostos aos sentidos pagãos, sem obliterá-los, e a resultante precisa ser lida como um palimpsesto”

O jogo se iniciava a partir de um “bola ao alto” realizado por um pároco local. A partir daí os dois grupos competem por quem consegue levar primeiro a esfera até a meta adversária, sendo essa meta um local pré-determinado como o campanário de uma igreja ou uma praça. As equipes eram divididas em “dois distritos ou duas aldeias” com a bola sendo jogada “pelos campos abertos que os separavam”, por vezes a divisão poderia ser por “bairros diferentes, grupos de idade distintos ou até casados e solteiros.” Fora o objetivo e a formação das equipes não havia mais regras: não havia preocupação com delimitação espacial ou temporal, tampouco havia diferenciação entre torcedores e jogadores, nem havia faltas ou penalidades, ou ainda um juiz ou árbitro que pudesse assinalá-las.

O *soule*, juntamente com outros jogos do noroeste europeu, se constituía numa mescla de festividade e embate físico, estimulados pelos feriados religiosos, em uma

conjunção sincrética pagã e católica. No limiar entre a transgressão e a institucionalidade, eram atividades recreativas tradicionais, que apesar do seu perfil pacífico admitem uma grande dose de violência e desordem. Não era incomum graves lesões e mesmos mortes nas disputas. No entanto, o mundo feudal europeu, pré-moderno, não via uma dicotomia antagônica entre a festa e a violência, sintetizadas no jogo. Afinal, tratava-se de “uma mistura irresolvida” entre “cristianismo e paganismo”, de uma atmosfera “religiosa e laica” e de “ordem e desordem”, no quais em êxtase carnavalesco comunidades próximas “pode se converter em luta aberta, sem se confundir com uma ruptura de relações.” Elias e Dunning viam nessa cultura popular de festividade e jogo “a expressão da unidade e solidariedade íntimas e hostilidade igualmente íntima e intensa”, sem que aqueles que vivenciavam percebessem “nada de contraditório e incompatível nessas flutuações.”<sup>12</sup>

Essa tradição que conjurava em um mesmo movimento rivalidade e solidariedade, violência e festa, foi negada e combatida no início da modernidade. Houve, no entanto, tentativas anteriores de cerceamento e banimento do jogo. Em 1314, o rei Eduardo II proibiu os jogos com bola em Londres, a pedido de comerciantes, com um édito que declarava: “Há um grande barulho na cidade, causado por uma disputa através de bolas enormes, das quais muitos males podem surgir e dos quais Deus nos livre. Nós comandamos e proibimos em nome do rei, sob pena de prisão, que tal jogo ímpio seja praticado na cidade”<sup>13</sup>

Outras regulações nesse sentido foram tentadas por Eduardo III, em 1349, Henrique IV em 1410 e Henrique VI em 1547. Nenhuma delas, no entanto, foi efetiva. Apenas indicam o longo processo de virada lógica no qual se alteram radicalmente os pressupostos morais, as formas de ocupação do tempo e sociabilidade.

A disputa, festiva e encarniçada, com choques e contatos entre corpos atingindo ápices de excitação que seriam incompatíveis, segundo Burke, tanto com a moral reformista, extremamente presente nas ilhas britânicas, quanto com a moral católica contra-reformista, em voga no continente europeu. Assim como, o papel cada vez maior do Estado “no controle intensivo dos afetos e pulsões”, tomando para si o monopólio da violência, o que vai culminar não só com o declínio do soule e dos outros jogos de bola, mas como do carnaval e da cultura popular.

---

<sup>12</sup> ELIAS, N; DUNNING, E. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Diefel, 1992. P 77-80

<sup>13</sup> WISNIK, J. *Op. Cit.* P. 84



## Do ostracismo as *public school*

Ao fim do século XVIII, a industrialização estava a pleno vapor na Inglaterra: grandes contingentes populacionais abandonavam as áreas rurais rumo as inchadas cidades. Os jogos de bola, como toda o modo de vida ligado as tradições rurais pré-industriais, não encontravam mais razão de ser, contudo não se apresentavam novas possibilidades de lazer para essas camadas populares, agora proletarizadas.

Segundo Giulianotti, “entre 1820 e 1860 surgiu um enorme vácuo no lazer popular. Passatempos bucólicos como adestramento de cachorros para atacar ursos, briga de galos e futebol ‘primitivo’ em aldeias praticamente desaparecerem”, enquanto “o povo em geral ia para as cidades trabalhar.” O cenário era literalmente tedioso, “as novas classes trabalhadoras eram controladas pela ordem moralizadora de uma burguesia municipal inclinada a erradicar toda a intemperança e a diversão não civilizada.”<sup>14</sup>

Nessas décadas de vazio “lúdico-festivo”, resultado do declínio da cultura popular tradicional seriam gestados, em um longo processo, várias futuras modalidades, que se tornariam esporte na segunda metade do século XIX. Nobert Elias e Eric Dunning apontam a esportivização da caça à raposa como exemplo definitivo do processo total pelo qual se criou, a partir de antigas práticas, os esportes modernos. A morte do animal já não tinha como objetivo ser alimento, muito menos uma oferenda sacrificial. O interesse agora na prática da caçada é a criação das condições de uma perseguição simulada em que o equilíbrio das forças e o controle do clímax, dando ao evento o maior possibilidades de catarse. A medida entre a tensão agradável, ansiosa de expectativa, e a prazerosa emoção da batalha final, é o objetivo dessa “figuração” exemplar.

Entre as últimas décadas do século XVIII e as primeiras do século XIX, a caçada não regulada, nem “figurada”, não só de raposas, mas de pássaros, cachorros e até cavalos eram sintomáticas do grau de violência que enfrentava uma instituição que crescia no período: as *public schools*. Diferente do que o nome pode indicar, essas *schools* eram privadas, tendo como alunos os filhos da elite, tanto da aristocracia rural, quanto da alta burguesia industrial. Essas instituições tinham sérios problemas disciplinares: a autoridade do professor era questionada, especialmente quando era

---

<sup>14</sup> GIULLIANOTTI, R. *op. Cit.* p. 19-20

proveniente das camadas médias urbanas, rapidamente a indisciplina tornava-se rebelião violenta e posterior ocupação da escola. Frequentemente o exército ou a milícia local eram chamados para, com baionetas em mãos, reprimir e controlar a juventude.<sup>15</sup>

Além de caçar e se rebelar, esses jovens gostavam de brigar, tanto entre si, quanto com a população local, especialmente com trabalhadores braçais, marinheiros e açougueiros, por exemplo. Através dessas brigas, a juventude aristocrática urbana entrou em contato com o futebol popular tradicional, jogado nas ruas, com o seu perfil despudorado e violento.

Os alunos das escolas mais prestigiadas e exclusivas da Inglaterra se encantaram pelo jogo. Na mais famosa e concorrida *public school* britânica, a de Eton, já havia duas regras distintas para os jogos de futebol. Em cada escola havia uma regra própria que se adaptava as exigências do terreno, bem como número de estudantes por turma e tempo disponível. Era o princípio do processo de disciplinalização, racionalização ou civilizatório, nos termos de Elias e Dunnig, pelo qual passaria o futebol até a resolução final na década de 1860.

A violência desmedida e a indisciplina recorrente atestavam o fracasso daquele modelo escolar vigente. Propostas reformadoras surgem pela ilha: Thomas Arnold, diretor de Rugby, entre 1828 e 1848, queria modelar os rapazes através da disciplina, orações e racionalidade, civilizando-os adequadamente a imagem do Império Britânico. O futebol, organizado, controlado e hierarquizado pelas direções escolares, passou a ser um meio para essa adequação disciplinar.<sup>16</sup>

A busca pela disciplina se aliava a preocupação com os exercícios, associados a saúde física e mental, o platônico “corpo são, mente sã”. Disciplina e exercícios se adequavam perfeitamente ao ambiente cultural e moral da era vitoriana. Nações fortes precisariam de elites saudáveis para comanda-las, Goldblatt define essa lógica como a “Cristandade Muscular”. O esporte de equipe modelando o caráter em nome da saúde em três formas: física, mental e moral. Além disso, o esporte através da competição, disputada em coletivos, ensinaria, simultaneamente, o confronto e a cooperação, fundamentais para a hegemonia imperial britânica.

---

<sup>15</sup> “The invention of modern football” in: GOLDBLATT, D. *The Ball is Round: a Global History of Soccer*. Nova Iorque: Peguin UK, 2006.

<sup>16</sup> GIULLIANOTTI, R. *op. Cit.* p. 18

Portanto, em meados do século XIX, o futebol já integrava o currículo de uma série de escolas britânicas, cada uma com sua regra adequada a realidade local. Paulatinamente, as regras pro jogo em cada escola foi definida e escrita em termos claros. A pioneira foi a de Rugby, em 1845, embora pesquisas recentes apontem regras ainda anteriores. Dessas escolas, os alunos iam tanto para as melhores e mais famosas e universidades quanto para as Forças Armadas britânicas.

Nas universidades e nas forças armadas se encontravam os ex-alunos das centenas de escolas, onde se praticava em cada uma modalidade específica de futebol. A questão era como estabelecer uma regra: havia jovens de escolas que jogavam sobretudo com os pés, como Harrow e Eton, e outros de escolas que jogavam sobretudo com as mãos como, Rugby e Marlborough. O debate tomou conta da imprensa e a Universidade de Cambridge definiu sua regra, um ano após a escola de Rugby, em 1846. Essa ausência de regras unificadas não impediu o jogo de se espalhar pelo país, de Londres, no sul, a Sheffield, no norte havia jogadores e times em profusão.

Finalmente, um grupo de jogadores e diretores, representando onze clubes, se reuniram na Freemasons' Tavern, na região central de Londres, em novembro de 1863, e formularam a primeira regra unificada do futebol. Após dois meses de adequação, as regras estavam definidas, sendo as praticamente mesmas que regem hoje o futebol, com poucas alterações. As principais influências para esse conjunto de regras foram as estabelecidas em na Universidade de Cambridge e as do Sheffield FC. Percebendo a carência organizativa, esse grupo de clubes fundou *Football Association*, FA, a federação inglesa de futebol que permanece atualmente gerindo o jogo no país.

Houve resistência às regulação proposta pela FA, que se articulou de duas formas: havia aqueles que preferiam o jogo que priorizando o uso das mãos, para agarrar a bola e correr com ela até a meta. Evidente, que não se sentiram contemplados pelo “jogo de drible” organizado pela federação, criando, oito anos depois, a “Rugby Football Union”, que baseadas no jogo da *public school* de mesmo nome, criou um outro esporte. Outro foco contrário as regras da FA foram as escolas, que prefeririam continuar com as próprias regras, como alguns clubes de províncias mais distantes também permaneceram jogando com regras particulares. Ao fim da década de 1860, as regras da FA já era adotada em todo país, enquanto o rugby, separado definitivamente do futebol, se consolidaria na década de 1870, traçando caminho próprio.

Após a formulação das regras, faltava um campeonato, no qual os clubes, que cresciam em números e adeptos poderiam se enfrentar. Em 1871, a FA cria a Copa da Inglaterra, cuja hegemonia pertenceu nas primeiras décadas aos “*old boys*”, isto é, as equipes formadas por ex-alunos das *public schools*. No entanto, em 1882, o Blackburn Rover, um clube operário, chega a final do torneio. Ainda que derrotado marca o início do fim da supremacia aristocrática. O futebol mobilizava cada vez mais gente por toda a Inglaterra, no norte do país, próximo à fronteira escocesa, área repleta de indústrias e trabalhadores, era o epicentro desse crescimento.

### **O jogo dos trabalhadores**

O futebol no período medieval era, portanto, um jogo profundamente popular e ligado às tradições rurais. Logo, as mudanças na paisagem inglesa, cercamento dos campos, urbanização e industrialização, tornaram o antigo jogo incompatível com a nova formação social. No entanto, permaneceu sendo praticado marginalmente, sendo redescoberto nas escolas tanto por alunos, para extravasar impulsos, quanto por diretores e professores, para disciplinar a juventude. Em poucas décadas, o futebol estava presente nas escolas, os ex-alunos o levaram para novos espaços, ainda aristocráticos, como as universidades e forças armadas. Mas a partir daí, o jogo, já um esporte, ganhou primeiro os operários britânicos, em seguida, o mundo.

Goldblatt aponta um fator inesperado da popularização do futebol junto à classe trabalhadora: a presença de religiosos-jogadores, muitos ex-professores do jogo nas *public schools*, estimulando a prática nas igrejas, tanto nas católicas, quanto nas reformadas. Com isso, esperavam, de maneira análoga às das escolas, disciplinar os operários. As comunidades de trabalhadores, por sua vez, aproveitavam o encontro proporcionado pelos religiosos, organizando primeiros jogos e depois, eles mesmo, clubes. Importantes clubes ingleses nasceram desse encontro eclesiástico-laboral: Aston Villa, Bolton e Everton; outras equipes não precisaram da tutela de uma igreja para surgirem a partir de organizações de trabalhadores específicos: o Manchester United a partir dos trabalhadores dos estaleiros da cidade ao norte do país, o Arsenal, dos funcionários das indústrias bélicas londrinas e o Chelsea, dos estivadores também de Londres. Estes são apenas alguns exemplos de clubes que se formaram a partir de grupos de trabalhadores, há outros tantos.

No romance *The Good Champions*, o escritor J.B Priestley (1929) explica a relação dos trabalhadores com o futebol:

Ele te transformava em um membro de uma nova comunidade, todos irmãos, juntos por uma hora e meia, pois você não somente havia escapado da maquinaria estridente desta vida menor, do trabalho, do salário, aluguel, da caridade, pagamento por doença, cartões de seguro, esposas resmungonas, crianças doentes, maus patrões, trabalhadores preguiçosos, mas você havia escapado com a maioria dos seus amigos e vizinhos, com metade da cidade, torcendo juntos, um dando tapa no ombro do outro, trocando julgamentos como os Senhores da Terra, depois de abrir caminho pela roleta na direção de uma outra vida completamente mais esplêndida.”<sup>17</sup>

Essa atração na “direção de uma outra vida completamente mais esplêndida”, se deu, segundo Goldblatt pelo aspectos do formato do jogo, que permitem a prática: o futebol era barato e simples de organizar, aprender e jogar em comparação a outros esportes coletivos, também populares, como o turfe ou o remo. Além de mais fácil, o futebol é menos perigoso do que seu irmão contemporâneo, o rugby. Um trabalhador que não poderia perder um dia de pagamento, levava isso em conta entre optar pelo jogo de drible em relação ao jogo de carregar a bola em meio a encontros e esbarrões. Outro fator era a divisão das funções no jogo, mais simples e identificável, ao mesmo tempo que mais flexível. Por fim, e mais importante, segundo Goldblatt, a elite aristocrática que participava do jogo, especialmente na direção de clubes, era entusiasta da popularização do esporte. Diferente da elite que comandava o rugby, resistente a prática por camadas populares bem como a profissionalização.

### **A singularidade do consenso bretão: da Inglaterra para o mundo**

Desde o século XVIII, a Inglaterra experimentou um regime parlamentar, resultante de uma dramática guerra civil. A administração do Estado não ficou a cargo de apenas um dos diversos setores rivais. Assim, houve a exigência de uma permanente

---

<sup>17</sup> “A more beautfull life”. In: GOLDBLATT, D. *The Ball is Round: a Global History of Soccer*. Nova Iorque: Peguin UK, 2006.

negociação tanto da “força física” quanto da “imposição fiscal”. A violência restrita é fruto desse sistema parlamentar de controlar e trocar governos. Para Elias,<sup>18</sup> o desenvolvimento dos modos esportivos corresponderam a essa representação do revezamento, de controle de tensões, extraindo um saldo produtivo.

Se por um lado, como aponta Elias, a codificação de esportes na Inglaterra representam a “parlamentarização” dos antigos jogos ritualísticos: aparando as arestas, sendo controlável através de um sistema de regras que sublima a violência, por outro lado, como situa Wisnik, o futebol, com sua origem popular, ritualística e violenta, está “no gume entre o desvio e a norma, a contestação e modelização dos comportamentos, a rebeldia e integração”, resumindo, é “o lugar em que a violência latente se apresenta e ao mesmo tempo se regula” função que outrora era assumida pelos ritos.<sup>19</sup>

Esse caráter ambíguo do papel da violência foi um dos fatores que possibilitou ao futebol a apropriação, não só por outras classes, como os operários britânicos, mas por outras culturas. O futebol é um esporte de contato, o encontro do corpo-a-corpo, seja nos jogos de ombros, divididas, agarrões, “carrinhos” e chutes, sejam camuflados ou evidentes, por vezes combatidos, por vezes tolerados, são parte do jogo. Não tão violento quanto as antigas prática medievais, onde ferimentos sérios e até mortes não eram incomuns, mas ainda assim lidando com o confronto físico.

No entanto, diferente dessas práticas anteriores, o futebol não se resume *apenas* à violência. O “jogo de drible” se tornou também um “jogo de passe”, assim a imposição da força física não resume o jogo, muito menos garante a vitória ou derrota. Wisnik define essa dicotomia de o “grosso” contrastando como “fino”, que também não é absoluta na definição do jogo. Mais que nenhum outro jogo, o imponderável, as intemperes do tempo, do campo, do clima e do corpo, são atuantes, especialmente se comparado a modalidade em recintos fechados e individualizadas.

Raymond Willians apresenta uma contradição aparente na sociedade britânica, a persistência de poderosas marcas rurais na vida cotidiana, ainda que tenha sido a primeira a se industrializar, sendo “uma das transformações decisivas nas relações entre campo e cidade ocorreu na Inglaterra, e num grau tão acentuado, que sob certos aspectos não encontra paralelo”, o que dá “à experiência e a à interpretação inglesas do

---

<sup>18</sup> ELIAS, N; DUNNING, E; *op. Cit.* p 119-130

<sup>19</sup> WISNIK, J. *op. Cit.* p 91

campo e da cidade uma importância permanente”.<sup>20</sup> O futebol ao ser jogado em um gramado, sujeito aos ventos, e a céu aberto, diante das intempéries, traz consigo a marca da vida rural, o que nisso compartilha com outros esportes britânicos, além do rugby, como o golfe, o tênis e o críquete.

Tendo a violência mediada, disputada sobre um terreno instável, o futebol é, diferente dos outros esportes, descontínuo, aberto às possibilidades diversas e amplas de jogo. O futebol suporta distintos ritmos, assim admite o “tempo produtivo e improdutivo” no qual através da posse, a bola pode se afastar ou se aproximar da meta de maneira não-linear. O tempo no futebol não está sujeito à “contabilização”, tão presente em outros esportes, cuja lógica é “acumulativa e gradual”. O que representa certo descompasso com a lógica industrial capitalista que o forjou.

“A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana”, a emblemática frase de Nelson Rodrigues é abalizadora da dramaticidade do jogo, presente nas obras tanto do dramaturgo inglês quanto do brasileiro: o futebol colocou em campo “uma zona limiar de tempos culturais que acabou fazendo dele um laboratório demonstrativo das culturas e um ponto de interrogação sobre o destino da civilização.”<sup>21</sup>

Por fim, o futebol, enquanto “laboratório demonstrativo de culturas”, é uma importante chave para compreender a modernidade e o desenvolvimento das nações durante o século XX. Por isso a necessidade de se observar a longa trajetória que fez o jogo ser o que é, desde os ritos tradicionais. Poucos fenômenos modernos têm tamanha abrangência e centralidade do que o futebol, o qual, graças às características que facilitam a prática, o tornado singular – sua dimensão rural, a violência, o tempo – foi apropriado como parte integral de outras culturas, atravessando praticamente todos os continentes.

---

<sup>20</sup> WILLIAMS, R. *O campo e a cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p 12.

<sup>21</sup> WINISK, J. *op. Cit.* p 94

## Capítulo II – O Egito e o Futebol: a construção da nação moderna em jogo

### **O Império do Futebol: o poder britânico e a mundialização do jogo**

Do consenso inglês sobre as regras do futebol até sua massificação não se passaram mais do que um par de décadas. Consolidado nos corações, mentes e pés da sociedade britânica, rapidamente o futebol se alastrou pelo continente europeu e ao redor do globo. Um diretor da Harrow School, instituição precursora da modalidade, relacionava a superioridade econômica e militar britânica com a prática desportiva: “a hegemonia inglesa baseia-se na saúde e na têmpera trazidas pelo esporte; a energia, a perseverança, o bom temperamento, o autocontrole, a disciplina, a cooperação, o espírito coletivo, que levam ao sucesso no críquete e no futebol; estas são as verdadeiras qualidades que fazem vencer na paz e na guerra.”<sup>22</sup>

Da segunda metade do século XIX até o início da Primeira Guerra, essa hegemonia inglesa era incontestada no planeta. “O sol nunca se põe no Império Britânico”, a célebre constatação dava a medida da extensão territorial dos domínios da rainha pelo mundo. A poderosa Marinha Mercante atravessava todos os mares e em cada porto atracado formou-se uma comunidade de comerciantes, soldados e trabalhadores britânicos. Junto ao comércio e às armadas também estava o capital inglês consolidando bancos e empréstimos, além de investir em fábricas e obras de infraestrutura.<sup>23</sup>

A hegemonia econômica tornou a Inglaterra como referência da modernidade. Goldblatt aponta que as elites locais, que observavam as intensas transformações econômicas e sociais na Inglaterra, desejavam seguir esse modelo de modernidade. Para tanto, demandavam “professores, escolas ou filosofias educacionais britânicas” ou enviavam os filhos para períodos de estudos na terra da rainha.

A junção da presença mundial dos expatriados britânicos com a atração exercida pelo poder e modernidade do país constituem os elementos centrais da “diáspora esportiva”, da qual o futebol foi o grande protagonista. Antes de 1914, já havia clubes jogando pelas colônias na Índia, na Irlanda, no Egito e na África do Sul, bem como em

---

<sup>22</sup> Citado em GOLDBLATT, D. *The Ball is Round: a Global History of Soccer*. Nova Iorque: Penguin UK, 2006. P 66

<sup>23</sup> *Ibid.*



lugares que não faziam parte formalmente do Império, tão distantes entre si como Rio de Janeiro, Praga, Lisboa e Buenos Aires.

Esses clubes adotaram com frequência nomes britânicos, como o Corinthians, em São Paulo; Milan, em Milão; Liverpool, em Montevideo; e River Plate na Argentina. A língua inglesa mesma era a língua franca do esporte, estando para o "futebol como o italiano estava para música"<sup>24</sup>. O idioma também funcionava como marca de distinção, modernidade e exclusividade do jogo, afastando, em um primeiro momento, os pobres dos principais clubes.

O futebol concorria com outras modalidades esportivas, desenvolvidas e popularizadas no mesmo período, como citado no capítulo anterior. Para Goldblatt, o sucesso do jogo em áreas e culturas tão diferentes: regras simples para jogar; flexibilidade em termos de número de jogadores, duração do jogo e espaço para jogar; sem necessidade de equipamento; baixa probabilidade de uma lesão séria, sobretudo se comparado ao rúgbi.<sup>25</sup>

O autor ressalta que essas características eram motivo de atração, especialmente, para as camadas médias e pobre nas cidades. Giulianotti aponta esse fenômeno como sintomático da “internacionalização do proletário”. Assim, o jogo “internacionalizado” e “proletarizado”, nos momentos antes da Primeira Guerra vai muito além dos círculos iniciais privilegiados<sup>26</sup>. Os trabalhadores urbanos pouco se importavam com os valores da modernidade, sofisticação ou cavalheirismo britânico. Quando não eram francamente hostis ou ressentidos com exclusivismo e sentimento de superioridade dos britânicos e o clubes expatriados. Dessa insatisfação surgiram clubes que levam essa repulsa no nome, que manifesta o orgulho nacionalista: Nacional, em Montevideu; Stade Français, em Paris; Independiente em Buenos Aires; e Al-Ahly [O Nacional], no Cairo.

---

<sup>24</sup> WISNIK, J. *Veneno Remédio* - O futebol e o Brasil. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.

<sup>25</sup> Citado In: GOLDBLATT, D. *The Ball is Round: a Global History of Soccer*. Nova Iorque: Penguin UK, 2006. p. 342

<sup>26</sup> GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. p 23-25

## Colonização e resistência no futebol no Egito

No continente africano, a difusão do futebol teve a participação fundamental, além dos trabalhadores, dos soldados europeus ocupantes. Essa influência, no entanto, tinha um caráter repressor: “Branços europeus tentaram estabelecer o controle administrativo do futebol na década de 1930, mas encontraram resistência dos em muitos locais, que refletia o crescente “protonacionalismo” do africanos na época.” Diferente da América do Sul, onde o sucesso da expansão da prática futebolística esteve relacionada a *influência* britânica, no continente africano, o jogo seguiu a lógica da *dominação* europeia. Como aponta Raab, os franceses usaram o esporte como parte de uma política de “assimilação”, enquanto os britânicos tomavam o esporte como um meio de “moralizar” a sociedade, tentando desenvolver uma “Cristandade Muscular” nativa. Em ambos os casos, contudo, as comunidade locais desconfiavam dos propósitos envolvidos.<sup>27</sup>

Essa tentativa britânica de moralizar a sociedade e enrijecer os músculos, aliado ao enorme contingente militar no país, fez com que o futebol chegasse rapidamente no Egito, um protetorado da Rainha. A estreia do jogo na nação árabe foi em 1882, No mesmo ano, começou a administração, de fato, do Egito pelos ingleses, em uma partida disputada entre soldados britânicos contra seus equivalentes egípcios.

Anteriormente, a partir do governo de Isma’li (1869-1872), aprofundou-se o processo de criar as instituições de uma sociedade moderna, em moldes ocidentais. Foram abertas algumas fábricas e escolas, mas, acima de tudo, levou-se mais longe o processo pelo qual o país se tornou uma plantação de açúcar e algodão para o mercado inglês. Hourani aponta a influências da “guerra civil americana de 1861-1865, que cortou o abastecimento de algodão por algum tempo, foi um incentivo à maior produção. Isso continuou depois da guerra, e envolveu gastos com irrigação e comunicação”<sup>28</sup>. O país entrou cedo na era das estradas de ferro, que por sua vez, trouxe mais capital e mais trabalhadores britânicos.

Essa período em que a Inglaterra controlava de fato o país, através de um monarca fantoche foi definido por Hourani como a “a era liberal” do país, que duraria até a tomada do poder pelo levantes de generais. A economia era plenamente aberta ao

---

<sup>27</sup> RAAB, A. *Soccer in the Middle East: an introduction*. p 19.

<sup>28</sup> HOURANI, A. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 372

capital estrangeiro com medidas de liberalização política sendo tomadas ao longo das décadas seguintes. Nada, no entanto, que resultasse em uma plena participação popular ou diminuição da influência britânica.<sup>29</sup>

A recepção ao futebol no Egito foi extremamente positiva. Entre 1914 e 1932, eram comuns os torneios entre escolas, próximo aos moldes das *public schools* britânicas, o que disseminou o jogo por todo o país. No entanto, no futebol egípcio se expressava primordialmente a antipatia ao domínio britânico. Em 1920, o Egito envia a primeira seleção de um país africano para os Jogos Olímpicos, disputado na Antuérpia, Bélgica. No ano seguinte, é fundada a Associação de Futebol Egípcia, com o objetivo de organizar o esporte de crescente popularidade em larga escala. Eventos que estão intimamente ligados a Revolução Egípcia de 1919, que conquistou maior autonomia frente aos britânicos em meio ao crescente fervor nacionalista.<sup>30</sup>

As comunidades locais driblaram os esforços coloniais e através da resistência transformaram o esporte aos seus propósitos. “O drama didático do futebol acontece em muitos níveis: jogadores, times, clubes e países”, observa Giulianotti.<sup>31</sup> Sejam os duelos entre posições específicas dentro do campo, como centroavante contra o zagueiro ou lateral direito contra o esquerdo, seja entre nações rivais, como Argentina contra Uruguai ou Inglaterra contra Alemanha. De forma semelhante, foi entre os clubes que se estabeleceram as enraizadas identidades culturais por meio de rivalidade e oposição. Entre os times de uma mesma cidade que surgiram as maiores rivalidades. Os sentidos dessas rivalidades “tendem a ser corroborados por divisões históricas e culturais mais profundas”. Sendo esta oposição reforçada e ampliada por “chauvinismos locais” mapeados e definidos em “termos espaciais”. No Cairo não foi diferente.

Em 1907, foi fundado o Al Ahly, “O Nacional” em árabe, por centros estudantis e profissionais liberais de classe média, grupos com uma visão anticolonial e nacionalista. Quatro anos depois, 1911, um grupo de belgas e britânicos formou o Qasr El-Neel Club, no bairro de Zamalek, nome que o clube adotaria após a Revolução de 1952. Antes, contudo, o clube ainda se chamaria Rei Farouk, em homenagem ao

---

<sup>29</sup> HOURANI, Albert. *O Pensamento Árabe na Era Liberal 1789-1939*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

<sup>30</sup> TUAUSTAD, Dag. From football riot to revolution. p 21.

<sup>31</sup> GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. p 26

monarca. De um lado, os jovens nacionalistas, do outro, os estrangeiros e simpatizantes da presença britânica.

Os primeiros clubes esportivos do Egito surgem a partir de 1903, tendo o Rei Farouk como patrono. Clubes como o Al-Gezira e o Clube de Tiro, eram exclusivamente patrocinados e frequentados pela aristocracia, monarquistas e colonizadores estrangeiros. As modalidades praticadas nesses espaços eram golfe, tiro e natação, esportes que necessitam grandes investimentos.<sup>32</sup> Clubes segregados com práticas exclusivistas, que ignoravam tanto as crescentes reivindicações nacionalistas quanto o fervor popular pelo futebol.

A fundação do Al Ahly, passou pela resistência à violência da presença britânica no país. Em 1906, soldados britânicos caçavam aves próximas à vila de Denshawai, no delta do Nilo, quando moradores se revoltaram contra a ação, que atrapalhava a fonte de sustento da população<sup>33</sup>. Em resposta, as autoridades britânicas enforcaram quatro moradores e afogaram outros onze. Conhecido como “O incidente de Denshawai” ou “O Horror de Denshawai”, o evento repercutiu por todo país e incendiou os sentimentos nacionalistas.

Pouco meses depois do incidente, procurando canalizar o fervor nacionalista, dois líderes de organizações estudantis nacionalistas, Omar Lutfi e Abdel Tharwat Pasha, que viria a ser um dos fundadores do partido nacionalista *Wafd*, apresentaram a ideia a um grupo de colegas: formar um clube esportivo e social onde os estudantes egípcios pudessem se reunir, visando a participação ativa nos protestos anticoloniais.<sup>34</sup> Evidente que os clubes abertos apenas para estrangeiros ou abastados nativos não serviam ao propósito. Zatmah aponta que o clube ofereceu à elite nacionalista uma importante oportunidade para “mobilizar e se popularizar através de uma instituição social e cultural.”<sup>35</sup>

---

<sup>32</sup> TUASTAD, D. From football riot to revolution. The political role of football in the Arab world. p 24.

<sup>33</sup> DUNN, M. The Denshawai "Incident" 107 Years Later: A Symbol of Colonial Arrogance Unforgotten in Egypt, <http://mideasti.blogspot.sg/2013/06/the-denshawai-incident-107-years-later.html> (acessado em 12/07/2017)

<sup>34</sup> FIFA. ‘Al Ahli Sporting Club,’ <http://www.fifa.com/classicfootball/clubs/club=1897032/> (acessado em 12/07/2017)

<sup>35</sup> ZATMAH, S. 2011. Aha Gun!: A Social and Cultural History of Soccer in Egypt, University of California Los Angeles, Phd thesis, p 57,

As dificuldades as quais eram submetidos os egípcios nativos ficava visível na estratégia adotada por Lutfi e Tharwat: para implementar o clube foi necessário convidar um britânico, Micheal Anas, consultor do Ministério da Economia, para ser presidente do clube. Assim foi possível adquirir um terreno para a construção do clube.<sup>36</sup> Durante um ano o britânico foi presidente do clube do nacionalismo egípcio. Enquanto o Al Ahly se alinhava aos sentimentos nacionalistas, outros clubes eram fundados servindo aos estrangeiros e segregando os nativos. O clube ofereceu a elite nacionalista do país uma oportunidade para “mobilizar e popularizar a si próprios” através “de instituições culturais e sociais”, e, no período seguinte partidos políticos<sup>37</sup>

A copa Sultão Hussein, primeira competição regular do país, iniciada a partir de 1917, colocava em evidência o Al Ahly: cada triunfo da equipe, especialmente contra o Rei Farouk SC, se tornava uma manifestação contra a presença britânica no país. Em 1919, Saad Zaghlou, líder do *Wafd*, e ex-diretor do Al Ahly, foi preso em um dos eventos que desencadeou a revolução daquele ano.<sup>38</sup> O levante rechaçava a manipulação britânica da economia, o controle da burocracia por parte de estrangeiros e os esforços exigidos na guerra. Os manifestantes cantavam em coro a música contra o representante inglês no país, composta por Sayed Darwish, um dos mais populares cantores egípcios do período:

“Sr. Hamza, Nós os estudantes

Não nós importamos se formos para a prisão, nem nos preocupa o  
governo

Nós acostumamos a viver de pão e dormir sem cobertores

Al Ahly contra o domínio britânico

Al Ahly contra o domínio britânico”<sup>39</sup>

---

<sup>36</sup> *Ibid.* p 46

<sup>37</sup> BARAKA, M. *The Egyptian Upper Class Between Revolutions, 1919-1952*, Reading: Ithaca Press, 1998, p. 67

<sup>38</sup> ZATMAH. *Ibid.* p. 68

<sup>39</sup> DORSEY, J. *Post-Mubarak Egypt: A Paradigm Shift*. In: *Soccer: Moulding the Middle East and North Africa*. Utrecht: Universiteit Utrecht, 2016. p 34

A revolta de 1919 conquistou maior autonomia frente aos britânicos, embora distante ainda da independência plena. No ano seguinte, outros clubes foram fundados em consonância com as aspirações nacionalistas. Equipes como o Al-Masry, [o Egípcio], na cidade de Port Said, às margens do recém inaugurado canal de Suez, cujo a participação no time só era permitido a nativos, se tornando um símbolo local da identidade nacional e independência.

O status de nação independente permitiu a seleção egípcia se inserir plenamente no cenário esportivo internacional a partir da década de 1920.<sup>40</sup> Nos jogos olímpicos de 1920, na Antuérpia, o Egito enviou uma delegação, incluindo uma time de futebol. A seleção egípcia foi a única fora do continente europeu a participar do torneio, sendo derrotada pela Itália na primeira fase. Nas Olimpíadas seguintes, em 1924, sediada em Paris, novamente a participação dos egípcios, desta vez conseguindo avançar de fase, ao derrotar com contundência a Hungria, por 3 x 0, para em seguida cair diante dos suecos. Quatro anos depois, em Amsterdã, a seleção egípcia obteve o resultado mais expressivo: goleou a Turquia e, em seguida, derrotou Portugal, alcançando assim inédita semifinal da competição. A trajetória esbarrou na qualificada e mais experiente equipe da Argentina que se impôs diante dos africanos, que também não conseguiram vencer a Itália na disputa pelo bronze. Os bons resultados nas Olimpíadas, em especial em Amsterdã, foi “visto por muitos egípcios como prova que eles são bons quanto aqueles que os governa, entendendo que a igualdade em campo deve ser levada a todas as áreas.”<sup>41</sup>

A partir de 1930, tem início a história das Copas do Mundo, que substituíram os Jogos Olímpicos como o mais importante torneio futebolístico. O primeiro evento disputado no distante Uruguai não contou com a participação de equipes fora do eixo principal do futebol, os continentes americanos e europeu. Houve dificuldades mesmo para equipes europeias participarem do torneio. A copa seguinte, em 1934, sediada na Itália governada por Mussolini, foi a primeira a contar com equipes de outros continentes. Nas eliminatórias, em dois jogos o Egito derrotou a Palestina se

---

<sup>40</sup> Desde as Olimpíadas de 1912, o Egito enviava uma delegação à competição, sendo um dos primeiros países fora da Europa a participar do movimento olímpico. Destaca-se aqui o novo sentido político que as participações adquiriram pós-1919.

<sup>41</sup> RAAB, A. Soccer in the Middle East: an introduction. In: Soccer & Society Vol. 13, Nos. 5–6, 619–638. Londres: Dodge, 2013

classificando para o torneio. Dogu Ergil aponta a utilidade do esporte para os regimes “autocráticos” e/ou “nacionalistas”, na região outrora dominada pelos otomanos, dos anos 1930:

O jogo muitas vezes desvia a ira das massas para um regime ou governo e a direciona para o rival. A satisfação da competição e o triunfo ocasional mantêm as massas ocupadas e felizes e o jogo pode se tornar um instrumento de controle por governos, que poderiam se tornar alvo de oposição política (...) Quando a questão é competição nacional, o indivíduo se funde na nação e a nação no Estado e o Estado torna-se inseparável de seus rivais (inimigos nacionais). Todo o resto é simbólico ou insignificante. O poderoso apoio a equipe nacional, juntamente com os impotentes. Os ricos com os pobres, as classes baixa e alta e aqueles com diferenças culturais cantam os mesmos slogans, que normalmente não o fariam. Eles se tornam um. Mesmo em sociedades que ainda não encontraram a paz interna, o futebol é um instrumento de união em nível nacional.<sup>42</sup>

O Rei, como os líderes europeus, utilizava o sucesso esportivo para tentar reforçar a legitimidade do regime. No entanto, foi a própria afirmação do nacionalismo, por parte de oficiais do exército contrariados, que conduziu uma mudança de governo, rumo a uma nova fase da política egípcia.

Dois anos após a Copa do Mundo na Itália, o Rei Fuad I morreu, a sucessão ficando a cargo do príncipe de apenas 16 anos, Farouk. Acostumado a acompanhar os jogos, o jovem regente desenvolveu uma relação próxima com o esporte como relata o barão Miles Lampson Killearn, Alto Comissário da Grã-Bretanha no Egito, entre 1935 e 1945: “Farouk começou a assistir futebol desde os seus primeiros dias”<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> ERGIL, D. On Football, Today's Zaman, [http://www.todayszaman.com/columnist/dogu-ergil/on-football\\_353397.html](http://www.todayszaman.com/columnist/dogu-ergil/on-football_353397.html) (acessado em 15 de junho de 2017)

<sup>43</sup> KILLERARN, M. *The Killearn diaries, 1934-1946: The diplomatic and personal record of Lord Killearn (Sir Miles Lampson), High Commissioner and Ambassador, Egypt*, London: Sidgwick and Jackson, 1972, p. 764-5.

O reinado de Farouk começou em meio aos intensos protestos por autonomia plena. Em 1940, o envolvimento do monarca com o futebol se torna “nominal”: o Kasr El-Nile passou a ser chamado Rei Farouk Sport Club. Segundo o barão Killearn, Farouk estava presente em todos os jogos entre o Al Ahly contra o Farouk SC. O dérbi do Cairo condensa ainda mais explicitamente a disputa entre monarquistas e nacionalistas, no parâmetro das dualidades citado.<sup>44</sup>

Com o início da Segunda Guerra Mundial, o Egito é palco do teatro de operações no norte da África. Italianos e alemães invadiram o norte do país, visando assumir o controle do protetorado britânico, com os recursos minerais e o Canal de Suez. As batalhas cobram a vida de egípcios, atizando ainda mais os sentimentos nacionalistas. Jogadores importantes, aproveitando-se da popularidade, declaram abertamente “sentimentos nacionalistas e anti-monarquistas.” Casos do goleiro Mustafá Mansour e do meio-campista Mokhtar El-Titsh, ambos do Al Ahly. Farouk cogitou intervir na equipe, banir jogadores pró-independência e manifestações contrárias a monarquia.<sup>45</sup> No entanto, seguindo sugestão de conselheiros desistiu da ideia que poderia comprometer a competitividade do futebol egípcio, o que poderia custar o envolvimento popular, o que, por fim, poderia reverter a utilidade pública do esporte.

A monarquia adotou outra tática: a ampliação do espaço geográfico do futebol pelo país. Em 1946, o governo constrói o estádio em Al-Ismalia para o time da cidade do norte do país. Em 1948, Farouk assina “o decreto real mais celebrado do seu reinado”<sup>46</sup>, o que criou a Liga Nacional de Futebol do Egito, o primeiro campeonato nacional tanto no continente africano quanto entre as nações árabes. No mesmo ano, o Egito, juntamente com outros países árabes, foi derrotado por Israel, na guerra de implementação da entidade sionista na Palestina. O fracasso na guerra aumentou a cisão entre as Forças Armadas e a população junto ao rei

A criação da liga foi o último grande ato relativo aos esportes durante a monarquia. A liga aumentou o número de clubes, jogadores e torcedores no país. Diversificou as equipes pelo território, umas frente a outras, contribuiu para um sentimento comum egípcio. O nacionalismo latente, acumulado por anos de intervenção

---

<sup>44</sup> DORSEY, J. Post-Mubarak Egypt: A Paradigm Shift. In: *Soccer: Moulding the Middle East and North Africa*. Utrecht: Universiteit Utrecht, 2016.p 33

<sup>45</sup> *Ibid.* p 35

<sup>46</sup> *Ibid.*



estrangeira, reforçado pela participação militar nas guerras, conduziria ao Levante dos Oficiais Livres, a revolta que pôs fim a monarquia e a intromissão inglesa no país.

No mesmo ano do levante, 1952, o clube Farouk, antigo Kasr El-Nilo, passou a ser chamado Zamalek, nome do bairro que o abriga. O dérbi do Cairo, que nas décadas anteriores se incluía no confronto político entre monarquistas pró-britânicos e nacionalistas pró-independência, ganhou novos sentidos.

Os sucessores de Farouk utilizariam, aprofundam e aperfeiçoam muito da relação com o esporte. Para além das fronteiras egípcias, o futebol se tornou um poderoso instrumento da afirmação doméstica do novo projeto nacional bem como na projeção internacional do país.

### **O Nasserismo no campo esportivo**

A deposição de Farouk, o fim da monarquia e do domínio britânico, representou uma nova era para o país: após séculos de controle estrangeiro, o Egito voltava a ser comandado por egípcios. O impacto dessa transformação afetaria as nações africanas e árabes. O papel político do futebol nesse processo foi extremamente relevante.

O Conselho de Comando Revolucionário, órgão que assumiu o poder, não tardou em se envolver com o esporte. Figuras destacadas do Conselho estiveram presentes no estádio Al-Gezira na partida contra a Itália, válida pelas eliminatórias da copa de 1954, cabendo ao presidente Mohammed Naguib o pontapé inicial do jogo, ato que se repetiu outras vezes, especialmente nos clássicos do Cairo. Vinte anos depois da participação egípcia no torneio em solo italiano, as duas nações se reencontraram, mas dessa vez em confronto. Na fase final das eliminatórias para a Copa de 1954, disputada na Suíça, a Itália superou sem dificuldade o Egito, com um placar agregado de 7 x 2 nas duas partidas.<sup>47</sup>

Naguib também pôs no fim da segregação do Clube de Tiro, anteriormente vetado a participação popular, e no lançamento da revista *Al Abtal*, [“os Heróis”], publicação esportiva, que abordava a vida dos atletas. “Os esportes criam um espírito coletivo... e nós precisamos desse espírito desde que o individualismo arruinou as bases

---

<sup>47</sup> DARBY, Paul. Africa and the ‘World’ Cup: FIFA Politics, Eurocentrism and Resistance. In: The International Journal of the History of Sport, Vol. 22, No. 5, 883 – 905. Routledge: Londres, 2005. P 886

do nosso poder”.<sup>48</sup> Todo o conselho, não apenas Naguib, se envolveu com o esporte. Um desses membros assumiu em 1955, a presidência honorária do Al Ahly, para em seguida comandar o próprio Egito no ano seguinte: Gamal Abdel Nasser.

Há certa controvérsia se Nasser, o proeminente líder do levante dos oficiais livres, era de fato um fã do esporte: diferente de Farouk, Nasser não seria apaixonado pelo esporte, mas apenas o utilizou pragmaticamente; outra versão, sustenta que o general sim se interessava pelo jogo e não transparecia a afeição ao clube em nome de não criar “fanatismo”, o que poderia atrapalhar o uso do esporte como ferramenta do regime.<sup>49</sup>

Nasser deu um novo sentido a participação do Estado na vida social e econômica do país, sendo a reforma agrária, a construção da barragem de Assuã e a nacionalização do canal de Suez as ações mais impactantes do período inicial do governo. O conjunto desses empreendimentos deram ao novo governo a chance de se apresentar como efetivamente revolucionário. A resistência por parte dos proprietários de terra foi combatida através da participação popular, no qual os esportes, em particular o futebol, tiveram um papel de mobilização popular. Em 1966, Fuad Zakaria observou que os “esportes em geral, e o futebol em particular, estão ganhando a atenção obsessiva dos nossos estudantes. Eles estão mais interessados nisso do que na construção da represa de Assuã ou do nosso progresso rumo ao socialismo.”<sup>50</sup>

O modelo econômico conduzido por Nasser exigiu uma presença forte do Estado em todos os setores da vida social do país. O futebol não foi excluído: como em outras tantas instituições civis, houve a ocupação por parte de membros do governo, frequentemente militares, em cargos-chaves. Oficiais do exército assumiram o comando dos clubes mais importantes do país e da Associação de Futebol Egípcio. O oficial da reserva, Adl Tahrir, foi nomeado como chefe do Conselho para o Desenvolvimento da Juventude, órgão responsável pela organização da educação física.

Dorsey aponta a importância dessa relação entre juventude, educação física e esporte: o regime “alarga o conceito” de esporte para incorporar diversos movimentos

---

<sup>48</sup> DORSEY, James. Ibid. p 36

<sup>49</sup> DARBY, P. Africa and the ‘World’ Cup: FIFA Politics, Eurocentrism and Resistance. In: The International Journal of the History of Sport, Vol. 22, No. 5, 883 – 905. Routledge: Londres, 2005. P 887

<sup>50</sup> Ibid.

da juventude. O lazer foi adequado para a preparação e defesa em um sentido militarizado:

"A noção de esporte do regime como ferramenta para moldar identidade nacional, disciplinar e habilitar fisicamente a juventude para atuar e defender a si mesmo e o país foi similar aos esforços anteriores de inspiração alemã realizados na Turquia, otomana e moderna, Irã e Palestina." <sup>51</sup>

A utilidade do esporte para o regime nasserista cumpria uma função política que se fazia presente tanto em âmbito interno quanto exterior. Como afirma Hassain Heikal, jornalista próximo ao general, editor do jornal *Al Ahram*, estatizado pelo governo:

Nasser acreditava que futebol era uma importante atividade para um país envolvido em conflitos. Ele estava interessado nas partidas que era jogadas, por exemplo, na África onde o futebol serviu como o um embaixador egípcio. <sup>52</sup>

Dois entidades internacionais esportivas cujo o Egito foi um dos organizadores centrais indicam a importância do esporte na política externa nasserista: os Jogos Pan-Arábicos e a Confederação Africana de Futebol, cujas as primeiras competições seriam realizadas no país no final da década de 1950.

A realização dos Jogos Pan-Arábicos em 1953, em Alexandria, e da Copa Africana de Nações em 1956 resumem tanto o envolvimento e pioneirismo do Egito com o esporte como apresentam a combinação de política, cultura e esporte presentes na ideologia nasserista.<sup>53</sup> O Egito era entre as nações árabes a com mais tradição nos Jogos Olímpicos com participações desde a década os de 1920. Com a organização dos Jogos Pan-Arábicos de Alexandria, Nasser pretendia reforçar a ideia do Egito como centro da luta anti-imperialista e apoio aos movimentos de libertação nacional dos países árabes contra o colonialismo. Os jogos foram uma oportunidade para criar as condições da

---

<sup>51</sup> Post-Mubarak Egypt: A Paradigm Shift. In: *Soccer: Moulding the Middle East and North Africa*. Utrecht: Universiteit Utrecht, 2016. p 34

<sup>52</sup> Ibid. p 37

<sup>53</sup> HENRY, I; AMARA, M; TAUQI, M. *Sport, Arab Nationalism and The Pan-Arab Games*. p 302

afirmação da liderança de Nasser como líder do arabismo e da frente contra a invasão e dominação das terras árabes por estrangeiros

Da mesma forma com o futebol africano, onde o pioneirismo na prática e os bons resultados, quarto lugar nas olímpiadas de 1928 e classificação para a copa de 1934, condicionaram o Egito a sediar o primeiro torneio continental. Nasser elaborou a criação da Confederação Africana de Futebol, que se tornou outro foco esportivo de resistência anticolonial no continente. Em ambos os torneio, o Egito se sagrou campeão.

### **A decadência do esporte pós-Nasser: islã político e neoliberalismo**

Em 1967, a derrota para Israel na Guerra dos Seis Dias abalou os fundamentos do arabismo. O Egito juntamente com a Síria e a Jordânia não conseguiram repelir a invasão israelense, sofrendo uma vergonhosa derrota. O vexame foi ainda maior, pois Israel não só invadiu como dominou os seguintes territórios: a Península do Sinai no Egito e as Colinas de Golan na Síria. Além da Palestina que ficou praticamente sob total controle sionista. Com a imagem abalada, Nasser apresentou a renúncia. Multidões no Egito e em outras países árabes tomaram às ruas em apoio ao líder carismático, como define Hourani, a saída de Nasser significaria outra derrota para os povos árabes. No entanto, três anos depois, subitamente, Gamal Nasser faleceu, em decorrência de problemas cardíacos, e com ele, boa parte da esperança de uma unidade árabe:

“As cenas em seu funeral, com milhões chorando nas ruas, certamente significavam alguma coisa; pelo menos no momento, era difícil imaginar o Egito ou o mundo árabe sem ele. Sua morte foi o fim de uma era de esperança de um mundo árabe unido e renovado.”<sup>54</sup>

O sucessor de Nasser, o vice-presidente, Anwar Sadat, deu um novo rumo ao Estado egípcio que impactaria o papel do esporte na sociedade. Uma ruptura com os esportes instrumentalizado tanto da época da monarquia sob domínio britânico quanto do nacionalismo nasserista. O Estado deixava de participar ativamente da economia,

---

<sup>54</sup> HOURANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p 508

cortando subsídios, bem como abandonava o caráter ocidentalizante em nome de uma sociedade mais islamizada.

As primeiras medidas do novo governo foram retirar nasserista de posições-chaves no poder, que poderiam opor as reformas que Sadat pretendia realizar.<sup>55</sup> O segundo passo foi a redação de uma nova constituição que ficaria em vigor até a revolta de 2011. A principal inovação no texto foi o artigo 2º, segundo o qual “os princípios da lei islâmica (*Sharia*) constituem uma das principais fontes de legislação”<sup>56</sup>. A inserção desse artigo foi uma tentativa de reconciliação com o islã político, cujo outro movimento destacado foi a concessão de liberdade para integrantes da Irmandade Muçumana, alguns presos desde os finais dos anos 1950. Cabe algumas palavras sobre essa influente organização islâmica de massas, cujo desenvolvimento nas décadas de 1970 e 1980, ocorreu em paralelo com certa decadência do esporte na cultura popular.

A revolta de 1919, culminou na independência nominal diante dos ingleses e uma nova constituição em 1923. Nessa carta se estabelece um parlamento, ainda subordinado ao Rei, que não conseguiu implementar políticas de crescimento social e mobilidade social, que estava no cerne dos anseios nacionalistas da classe média e baixa. Ao final da década de 1920, nem um partido político tinha uma proposta que incorporasse a busca por justiça social com uma perspectiva islâmica do mundo. Esse vácuo foi ocupado por uma organização fundada pelo professor primário Hassan El-Banna.<sup>57</sup>

Banna, filho de uma imane, foi contra a ideias em voga que identificava os valores religiosos tradicionais como evidência de atraso social e institucional do Egito e convicção popular na elite política local. Tal cenário o convenceu da necessidade de “sair da mesquita” para atuar junto à população e defender o “retorno ao Islã”. Nessa concepção o Islã seria um sistema total, capaz de decidir sobre todos os aspectos da vida, devendo ter como fontes primárias as bases da lei islâmica: o Corão e as Sunna.

---

<sup>55</sup> Ali Sabri (secretário-geral da UAS) e Mohamed Fawzi (Ministro da Guerra) foram os proeminentes nasseristas retirados das posições por, supostamente, ameaçaram o incipiente governo Sadat.

<sup>56</sup> GONÇALVES, Luiz. *Egito Revolução e Contrarrevolução (2011-2015)*. Brasília: FUNAG, 2017. P 49-50

<sup>57</sup> HOURANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. P 521-523

Os fatores que explicam o sucesso da organização na primeira metade do século XX, podem ser listados como

a disposição para o proselitismo, o viés anti-intelectual, a hierarquia interna e a cadeia de comando, a formação de grupos de alfabetização, lazer e esporte, bem como a atuação direta junto à classe média baixa urbana constituíram fatores que garantiram o êxito social da Irmandade: ao final dos anos 1940, a IM superava a cifra de meio milhão de membros num país que contava 20 milhões de habitantes, com cerca de duas mil representantes que incluíam de escolas a clínicas de saúde.<sup>58</sup>

A atuação da Irmandade contrária ao rei e a ocupação britânica levou a organização apoiar o movimento de Nasser e dos Oficiais Livres. O apoio à Revolução, no entanto, durou pouco: o tempo para a Irmandade perceber que o novo líder egípcio não estabeleceria nem um governo religioso nem uma democracia pluripartidária. Em 1954, o grupo da juventude da Irmandade entrou em confrontos violentos contra os apoiadores do governo em diversas cidades do país. Em outubro do mesmo ano, após uma tentativa de assassinato de Nasser, o governo baniu a entidade do Egito, acusando de planejar um golpe contra o governo. Milhares de irmãos são presos, torturados e condenados a morte, enquanto outros tantos são deportados para nações do Golfo Pérsico.<sup>59</sup>

Diferente de Nasser, Sadat via a Irmandade Muçulmana como um potencial aliado contra os movimentos de esquerda, tanto aqueles liberalizantes quanto aqueles saudosos do nasserismo. Muitos desses críticos de Sadat à esquerda estavam em organizações estudantis, nas quais a Irmandade passou a focar boa parte das atividades na década de 1970. Durante essa década, o número de universidades públicas passou de cinco para doze, abrangendo cidades no interior do país, para além do Cairo e Alexandria. O perfil social era de jovens com origem humilde, muitos destes engrossaram às fileiras da Irmandade nas universidades. Nos estabelecimentos de ensino superior, os irmãos organizavam uma rede de serviços como refeitórios, transporte, auxílio-habitação, entre outros, com custos reduzidos e estrita separação de gênero.<sup>60</sup> Criou-se um ambiente semelhante à realidade social em que havia vivido

---

<sup>58</sup> GONÇALVES, Luis. *Egito Revolução e Contrarrevolução (2011-2015)*. Brasília: FUNAG, 2017. p 38-39

<sup>59</sup> DORSEY, James. *Post-Mubarak Egypt: A Paradigm Shift*. p 39

<sup>60</sup> WICKHAM, C.R. *Mobilizing Islam: religion, activism, and political change in Egypt*. p. 37-41.

grande parte desses novos estudantes. Pelas universidades do país, a irmandade cresceu e conquistou os estudantes em um momento que coincide com a ascensão de movimentos da juventude pelo mundo.<sup>61</sup>

A concessão a atuação do grupo islâmico por parte de Sadat foi articulada com a nova política econômica de Sadat, a *infitah* [“Abertura”]. Lançada em 1974, após a Guerra contra Israel no ano anterior, a *infitah* consistiu em romper com a economia planificada, centralizada pelo Estado, estabelecida por Nasser, visando que o setor privado tomasse a frente da economia egípcia. Esse novo conjunto de leis abriu a economia para empresas de capital externo e possibilitou a entrada, no Egito, de vasto fluxo de investimentos dos países do Golfo Pérsico em serviços e construção civil, além de capitais provenientes da Europa e dos EUA.

A reaproximação com os EUA e o afastamento da política de neutralidade nasserista, que consistia na manutenção de laços com a URSS e com a China, foi outra marca do período Sadat e outro fator de distinção com o antecessor. Tal movimento à órbita americana foi plenamente possível, contraditoriamente, graças a um momento de confrontação com o maior aliado dos EUA na região, Israel. Sadat tinha como uma das principais meta de governo a recuperação do Sinai. Em outubro de 1973, no conflito que seria conhecido com a Guerra do *Yom Kippur*, terminou com a derrota militar egípcia; rendendo a Sadat, porém, o que realmente desejava: a disposição israelense para negociar, no médio prazo, o restabelecimento da fronteira bilateral de 1967. O rompimento das linhas de frente israelenses, no primeiro dia do conflito, foi instrumentalizado pela narrativa oficial como “vitória” e redenção pela derrota de 1967. Tornou-se mito legitimador das Forças Armadas como instituição protetora da unidade nacional.

Ainda que Israel tenha repellido o ataque, Sadat conseguiu o que pleiteava: a recuperação da Península do Sinai. Para isso, todavia, Egito e Israel tiveram que realizar negociações, com o suporte dos EUA. Sadat não intencionava um armistício apenas, reaver o território perdido, contudo, para isso foi inevitável concluir um acordo de paz com os israelenses. Os acordos de *Camp David*, concluídos em setembro de 1978,

---

<sup>61</sup> HOURANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p 562.

seguidos da assinatura do acordo de paz em março de 1979, garantiram o retorno do Sinai à soberania egípcia em 1982.

Os acordos de *Camp David* foram concluídos no momento em que Sadat recuava da política inicial de apoio aos movimentos políticos islâmicos, cujas algumas vertentes se radicalizavam. Não era o caso da Irmandade Muçumana, no entanto, a organização criticava com veemência os acordos com Israel. Foi o suficiente para o governo reprimir duramente todas as organizações islâmicas politicamente engajadas, sob pretexto de combater o terrorismo. Em 1979, Sadat proibiu as publicações islamitas e dissolveu os diretórios e organizações estudantis ligadas à Irmandade.

No plano exterior, o acordo com Israel, legitimou o governo Sadat, cujo maior símbolo foi o Prêmio Nobel da Paz de 1978. Sentindo-se respaldado, o governo se sentiu à vontade para reprimir com dureza a oposição. Em setembro de 1981, Sadat ordenou a detenção, sem acusação concreta, de aproximadamente 1.500 pessoas, entre intelectuais seculares e islamitas, entre estes parentes de oficiais de baixa patente influenciados por grupos islâmicos. No mês seguinte, Sadat foi assassinado por um membro da Jihad Islâmica.<sup>62</sup>

A paz com Israel, ignorando a questão da Palestina, nunca foi popular entre o povo do Egito, despertando críticas de seculares e religiosos, muçulmanos e cristãos. Se a *Infītah* produziu crescimento econômico, muito se deve aos ápices do preço do petróleo, sendo que o resultado mais visível dessa política foi o aumento da desigualdade e a diminuição do padrão de vida das classes médias urbanas empregadas no funcionalismo público. A instrumentalização do grupos políticos islâmicos surtiu efeito para neutralizar o nasserismo, no entanto, Sadat não conseguiu controlá-los e ao tentar domá-los novamente, terminou por ser assassinado por um membro de um grupo islamita, em 1981.

A ausência das temáticas esportivas e/ou torcedoras nessa sessão dedicada ao governo Sadat deriva da ausência de políticas públicas específicas para os esportes. Diferente dos antecessores, Anwar Sadat deixou a questão esportiva de lado, como outros tantos aspectos políticos-culturais, em favor das causas que marcaram o seu governo: a *Infītah*, a revanche contra Israel e o posterior acordo de paz, a reaproximação com os EUA e a islamização da cultura.

---

<sup>62</sup> *Ibid.* p 543-45



É possível, no entanto, observar as consequências dessa negligência com o esporte em dois aspectos: por um lado, a adoção de políticas neoliberais para o esporte, o fim dos subsídios aos terços, reduziu a presença massivas e popular nos estádios. Antes ocupados por gente de todas as classes e perfis, as arquibancadas passaram a ser de um público específico, jovens de classe média baixa, longe de se sentirem representados pelo Estado, como no período de Nasser. A islamização da cultura e política, com o a religião tornando-se ainda mais fundamental e presente na vida egípcia, contribuiu para distanciar boa parte da população de atividades vistas como não-islâmicas e ocidentalizantes.

O sucessor de Sadat, Hosni Mubarak, romperia com a tradição de mudança dos antecessores. As negligências e contradições se perpetuaram por mais tempo: entre o neoliberalismo e a islamização, muitas dos problemas sociais do Egito se aprofundaram. O futebol egípcio, e seus torcedores, encontrariam um caminho próprio para cada vez mais distantes do governo, crítico ao Estado, tentando dar um novo sentido ao jogo e a participação política no país árabe.

### Capítulo III – A Revolta Torcedora

#### **A juventude na Era Mubarak: estabilidade política e crise social**

Cauteloso e com pouco carisma, Mubarak empreendeu poucas e graduais mudanças, diferente dos antecessores. O pluripartidarismo implementado por Sadat foi mantido, eleições regulares para o parlamento foram realizadas a partir de 1984. No entanto, as eleições e os partidos não representavam uma alternância ou ameaça ao

poder de Mubarak. A legenda governista, o Partido Nacional Democrático, nunca deixou de ganhar menos de 80% das cadeiras legislativas. O PND tinha a maioria dos seus votos nas áreas rurais, com a maioria dos eleitores analfabetos.<sup>63</sup>

Na economia egípcia, no momento da posse de Mubarak, existia quase duas vezes mais funcionários públicos do que empregados na indústria, o Estado correspondia por cerca de 40% dos empregos. O novo governante evitou, em sua primeira década no poder, diminuir o serviço público: o funcionalismo evoluiu de 3 milhões em 1981 para 4,5 milhões em 1991.<sup>64</sup>

Apesar do salto no número de empregos, tal ritmo de contratações não era o suficiente para absorver os jovens que se graduavam no país, cerca de 300 mil ao ano. Em 1985, os diplomados eram 32% da força de trabalho, mas 74% do total de desempregados. Durante os anos de Mubarak a frente do país, o desemprego entre a juventude (até os 30 anos de idade) respondeu por mais de 70% dos desempregados. O diploma não garantia mais o emprego, quiçá o padrão de vida da classe média. A diminuição da qualidade de vida e o desemprego entre os jovens foram marcas da era Mubarak.

Essa juventude graduada com pouca perspectiva profissional seria o foco de atuação da Irmandade Muçulmano, e outras organizações islâmicas, no sentido de arregimentar um número crescente de seguidores. Esses grupos atuavam de duas formas com os jovens desempregados: ofereciam serviços públicos, nos quais o Estado era ausente, como postos de saúde e clínicas, muitas dessas móveis, escolas, creches, centros de orientação vocacional, pequenas financeiras que emprestavam montantes reduzidos sem juros (proibidos pela lei islâmica) para microempresas informais, peregrinações à Meca e despesas emergenciais.<sup>65</sup>

Entretanto, parte dessa juventude não se identificava com a versão islâmica, de entusiasmo, rigor e dedicação que a Irmandade Muçumana exigia dos membros. Ao invés do fervor religioso parte dessa juventude se encontraria nas arquibancadas dos estádios de futebol, apoiando os grandes clubes do país. A paixão futebolística, entrava em contradição com as exigências do fé, muito por com conta do caráter incontrolável da paixão esportiva.

---

<sup>63</sup> GONÇALVES, L. *Egito Revolução e Contrarrevolução (2011-2015)*. Brasília: FUNAG, 2017. P 56

<sup>64</sup> *Ibid.* P 57

<sup>65</sup> HOURANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p 562.

Essa espécie alternativa devoção se manifestaria especialmente nos jogos do Al-Ahly, Zamalek, Ismaly SC e Al-Masry, as maiores equipes do mundo. As fanáticas torcidas desses clubes não se intimidaram com o fim dos ingressos a preços populares, se organizando conseguiram estabelecer redes de apoio mútuo para prover assistência. Se os clubes formam a grande paixão esportiva do país, foi em um jogo da seleção, no entanto, que os torcedores se manifestariam com contundência no fim da década de 1980.

### **O jogo do ódio: exemplo da crise do arabismo**

No dia dezessete de novembro de 1989, a seleção da Argélia enfrentou o Egito, no Cairo, valendo a última vaga para a Copa do Mundo da Itália. A expectativa relativa ao jogo era proporcional ao receio com a segurança. Os dois países vinham de uma conturbada relação política que se manifestava esportivamente.

No final da década de 1940, os argelinos da Frente de Libertação Nacional formaram uma equipe com atletas profissionais argelinos com o intuito de defender a independência do país, disputando jogos na Europa, Ásia e Norte da África. O Egito, ainda governado pelo rei, se recusou a enfrentar o time.<sup>66</sup> Durante o governo de Nasser no Egito, próximo ao regime nacionalista árabe do argelino Ben Bella, as relações entre os países foram estreitadas, exemplificado no primeiro amistoso entre as seleções, um empate, disputado em 1963.

O governo Sadat com o alinhamento pró-EUA e o acordo de paz com Israel desgastou as relações com as nações árabes, a Argélia inclusa. Em 1977, Sadat visitou Israel sob oposição veemente da Liga Árabe, especialmente de argelinos e líbios. No ano seguinte, ocorrem os Jogos Pan-Africanos, em Argel, ao final da partida entre Egito e Líbia, um líbio chutou um jogador egípcio, rapidamente o gramado se torna um campo de batalha, envolvendo jogadores, técnicos, dirigentes e torcedores.<sup>67</sup> A atuação da polícia argelina, detendo alguns jogadores da seleção, revoltou as autoridades egípcias. O Egito, vencedor das duas edições anteriores do torneio, abandonou a

---

<sup>66</sup> DORSEY, J. *The Turbulent World of Middle East Soccer*. Oxford University Press: Nova York 2016. p 33.

<sup>67</sup> MONTAGUE, James. Egypt's rift with Algeria became a political football. *World Soccer*, Cairo, 11 dez. 2009

competição por conta do incidente. No torneio classificatório para as olimpíadas de 1984, novo incidente envolvendo jogadores e comissão técnica dos dois países.<sup>68</sup>

Sendo assim, o clima era de extrema tensão quando as seleções nacionais se enfrentaram valendo a vaga na copa de 1990. A rivalidade era ainda mais atizada pelo ótimo desempenho argelino na década de 1980: a equipe havia conquistado a inédita classificação para a copa de 1982, na qual obteve a façanha de derrotar a poderosa Alemanha ocidental; quatro anos mais tarde, a Argélia se tornou a primeira equipe do continente a se classificar para duas copas seguidamente<sup>69</sup>. O Egito, por sua vez, havia vencido a Copa Africana de Nações em 1986. Argélia e Egito eram, juntamente com Camarões de Roger Mila, as forças do continente africano naquele momento.

A disputa pela classificação se deu em dois jogos: o primeiro na Argélia, na cidade de Constantina, terminou em um empate sem gols. O segundo jogo, no Cairo, foi disputado em uma atmosfera carregada, com pressões de ambos os lados sobre a arbitragem, aonde a equipe que vencesse estaria na Itália. Com um gol de Hossam Hassan em uma jogada polêmica, com os argelinos alegando uma falta no lance, o Egito venceu e se classificou.<sup>70</sup> Após o jogo, uma batalha tomou conta do gramado, envolvendo jogadores, comissões técnica, arbitragem e torcedores. Os argelinos partiram para cima do árbitro tunisiano, revoltados os jogadores atiraram vasos que cercavam o campo contra os torcedores egípcios. Um torcedor invadiu o gramado, agredindo um jogador argelino, enquanto outros eram contidos pela polícia. Na briga o médico da seleção egípcia foi atingido por uma garrafada, perdendo a visão de um olho. O meia da Argélia Lakhdar Belloumi, um dos maiores jogadores da história do continente, foi condenado pela justiça egípcia a cinco anos de prisão pelo crime, entrando na lista de Interpol. Os incidentes bem como a condenação de Belloumi geraram ampla revolta na Argélia, tanto no governo quanto na população e contribuíram

---

<sup>68</sup> BLOOMFIELD, S. *Africa United: How Football explains Africa*. P 38

<sup>69</sup> WILSON, Steve. Egypt v Algeria: why World Cup play-off is football's most explosive match. *The Telegraph*, Cairo, 17 nov. 2009.

<sup>70</sup> MONTAGUE, James. Egypt against Algeria revives some bitter memories. *World Soccer*, 13 dez. 2009.

para agravar a conturbada relação entre os dois maiores países do norte da África. Esse histórico confronto ficou conhecida como o “Jogo do Ódio”<sup>71</sup>.

A partida, que sintetizou a série de incidentes esportivos de repercussão política envolvendo a seleção egípcia, serviu como marco do fim do arabismo ou pan-arabismo. A ideia de uma unidade árabe que alguns dos principais líderes do processo descolonização defendia, entrava em um declínio melancólico. Outras perspectivas para os povos árabes entrariam em cena, versando sobre religião e nacionalismo, ou uma mescla deles.

Entre as décadas de 1970 e 1980, a predominância do nacionalismo árabe foi abalada pela ascensão do islã político. Desde a morte de Nasser, Sadat tratou de se aproximar da Irmandade Muçulmana contra os nasseristas remanescentes que pleiteavam uma política de cunho socialista, aderindo as pautas religiosas do grupo. A paz com Israel condenou Sadat diante das organizações religiosas, que por fim, atentaram fatalmente contra o presidente. Mubarak se viu obrigado a por um lado combater institucionalmente a organização, sem ir frontalmente contra as pautas religiosas do grupo que permaneciam com apoio popular.

A islamização da política no Egito se inseriu em um processo que abrangeu os países árabes e muçulmanos. Na própria Argélia, o outro lado desse jogo, a subida ao poder da Frente de Salvação Islâmica acabou chocando com outros interesses populares, levando a uma guerra civil no fim dos anos 1990. A liderança da Arábia Saudita na crise do petróleo de 1973 colocou um regime intensamente religioso em evidência regional. Mas foram em dois países muçulmanos, mas não árabes, onde o islã político alcançou o ápice: na Revolução Iraniana em 1979 e no Afeganistão em 1980. Também destaca-se o peso da questão religiosa na Guerra Civil Libanesa, iniciada em meados dos anos 1970 indo até o final da década de 1980. Ainda, pode-se citar o grupo Hamas, surgido no fim dos anos 1980, que deu à resistência palestina um discurso religioso fervoroso. Essa série de exemplos da islamização da política ilustra que a queda decadência do arabismo, com um teor fortemente socialista, não abriu espaço para sociedades mais “liberais” ou ocidentalizadas nos costumes. Ainda que o “ocidente”, isto é EUA e Europa, no contexto da Guerra Fria, ou imediatamente depois, tenha dado apoio a esses

---

<sup>71</sup> OLIVER, Brian. Twenty years on, the 'hate match' between Egypt and Algeria is on again. *The Guardian*, Londres, 10 out. 2009.

regimes, nota-se que não se tornaram sociedades simpáticas aos valores democráticos ocidentais.

Nesse contexto político, o “jogo do ódio” pode ser apontado como o início de uma nova fase de envolvimento dos torcedores egípcios com a política, no qual o nacionalismo se tornou um dos vetores. No entanto, a relação com a seleção nacional, ainda que intensa, é esporádica: no envolvimento com os clubes, em um sentido cada vez mais político, que os torcedores egípcios demonstrariam todo seu fervor, no qual futebol, nacionalismo, política estão intimamente conectados. Para tanto, coube aos torcedores desenvolverem novas formas de organizar a torcida diante do cenário que se apresentava. E não tardaria para um novo jogo Argélia x Egito demonstrar isso vinte anos depois. Cabe, portanto, analisar o desenvolvimento dos torcedores no Egito, que antecederam as inovações na organização na década de 1990.

### **Dos *tersos* aos Ultras**

Como mencionado no capítulo anterior, os torcedores estavam plenamente envolvidos com a política do país durante as primeiras décadas do século XX. A maior expressão desse fenômeno foi a participação de torcedores no Al Ahly nos protestos e revoltas contra o rei e a dominação britânica do país. Nesse período, o profissionalismo dava os primeiros passos, as torcidas eram vinculadas as direções de clubes e poucas eram as políticas públicas voltadas para o esporte, além da construção de estádios. Não havia políticas voltadas para os torcedores, não se tratava de uma questão governamental. No entanto, com a popularização do esporte e as transformações sociais que experimentou a sociedade egípcia a partir da segunda metade do século XX, essa relação entre torcedores e Estado se alterou.

Desde a década de 1920, havia ingressos populares, com preços módicos, chamados pela denominação italiana de *tersos*, pois custavam um terço do valor do bilhete comum. Os frequentadores desses setores populares passaram a ser chamados como *tersos* também, conhecidos por ser torcedores apaixonados das camadas mais pobres da sociedade. Nas décadas seguintes, os *tersos* ajudaram a popularizar a cultura futebolística para além do jogo: “os cantos, coros e celebrações dos *tersos* se enraizaram em outras esferas da cultura egípcia como música popular, cinema, política e

celebrações religiosas e nacionais.”<sup>72</sup> Por volta da metade do século, a cultura torcedora era parte integrante da cultura egípcia, a terminologia do futebol se tornou parte do vocabulário das massas, sinalizando a integração da cultura dos *tersos* ao cotidiano geral dos egípcios.

Evidente que o governo popular de Nasser se atentou aos torcedores. Com o esporte sendo questão de Estado, era necessário também aprofundar as políticas públicas para os torcedores. Nada mais condizente com a política nasserista do que manter os ingressos *tersos*. Para tanto, o governo contou com apoio das diretorias dos clubes, cuja o controle estava em sua quase totalidade com os militares. Desde a Revolução de 1956, os militares, integrantes do novo governo, assumiram postos-chaves da sociedade, no qual a presidências e diretorias dos clubes das principais divisões do país se encaixam. A política de ingressos subsidiados se encaixava perfeitamente na lógica “revolucionária”, do governo que a partir de 1956 afirmava cada vez mais um cunha nacionalista e socialista. A empolgação e paixão demonstrada pelos torcedores ainda eram úteis ao regime nos grandes eventos esportivos mencionados.<sup>73</sup>

O governo Sadat representou o gradual fim dos *tersos*, aos retirar os subsídios para inúmeras organizações, entre elas as esportivas, para o qual não havia política clara definida. A crescente desigualdade social, aumento da pobreza e inflação tornou inacessível o ingresso para as massas. Culturalmente, em paralelo, ocorria a islamização da cultura, reflexo direto da islamização da política. Tal processo procurava direcionar o fervor não para o esporte, mas para a religião. ZATMAH aponta que havia mulheres entre os *tersos*, em número pequeno, porém notável, cujo a crescente islamização da cultura tratou de remove-las das arquibancadas. Os estádios se tornaram ambientes quase que exclusivamente masculinos, frequentados pela baixa classe média, a cultura torcedora se virilizava.

Enquanto na Europa e na América Latina, os grandes centros futebolísticos mundiais, emergiu uma cultura violenta a partir do fim dos anos 1960, tal processo não ocorreu simultaneamente no Egito. A prática torcedora dos *tersos* era não-violenta

---

<sup>72</sup> ZATMAH, Shawki. *From Terso into Ultras: The 2011 Egyptian Revolution and the Radicalization of the soccer's Ultra-Fans*. p 801.

<sup>73</sup> DI-CAPUA, Yoav. *Sports, Society, and Revolution: Egypt in the Early Nasserite Period*. p 150

especialmente se comparada aos similares europeus e latino-americanos. Entre a década de 1970 e 1990, portanto no período dos governos Sadat e Mubarak, uma nova cultura torcedora surgiu com marchas, cânticos e celebrações cada vez mais violentas.<sup>74</sup>

Tomando mais uma vez como referência a eliminatória para a copa de 1990 entre Egito e Argélia, a presença dos torcedores nas brigas, a definição do jogo como ódio não apenas representaram a decadência do pan-arabismo em um plano político. Na cultura torcedora do Egito, aquela partida mostrou que a torcida *terso* estava sendo superada, já se vislumbrando uma nova modalidade de torcer, cujo modelo ainda não era anunciado totalmente visível naquele jogo, mas seria explicitado logo no início da década de 1990, também com um termo italiano: os ultras.

### **O surgimento das Torcidas Ultras**

Essa mudança no perfil dos torcedores não passou despercebido pelo jornalismo esportivo egípcio. No fim dos anos 1980, a nomenclatura “ultras” passou a definir o jovem torcedor com um perfil agressivo. Nesse momento, havia o “torcedor ultra”, mas não a *torcida ultra*, isto é, o termo se aplicava a um comportamento, não a forma dos torcedores se organizarem.<sup>75</sup>

Os confrontos violentos envolvendo torcedores já ocorriam com frequência e intensidade na Europa desde meados dos anos 1960. Na década de 1980, uma série de trágicos incidentes, alguns com dezenas de mortos e feridos, colocou em evidência os britânicos *hooligans*. De tal maneira que “hooliganismo” passou a identificar o comportamento violento da torcida em diversas partes do mundo. No entanto, paralelamente aos hooligans, surgiu na Itália um outro formato de torcida: os Ultras. Modelo seguido pelas torcidas egípcias e outras da região do Mediterrâneo. Cabe observar o desenvolvimento histórico dos Ultras, bem como as especificidades dessa forma de organização torcedora.

Após a Segunda Guerra Mundial, a Itália passou pelo período de reconstrução que abrangeu todo o continente, durando até a década de 1960, marcado por

---

<sup>74</sup> Ibid. p 804

<sup>75</sup> ZATMAH, Shawki. *From Terso into Ultras: The 2011 Egyptian Revolution and the Radicalization of the soccer's Ultra-Fans*. p 805.



crescimento econômico contínuo e pelo chamado “Estado do bem-estar social” assegurados pelo regimes sociais-democrata. Hobsbawn, ao se referir a esse período no continente, define a época do final da Segunda Guerra Mundial até a crise dos anos 1970 como “A era de Ouro”, marcada pela “substancial melhora na qualidade de vida da maior parte da população.”<sup>76</sup> O fim do ciclo de crescimento econômico do pós-guerra representou um endurecimento dos regimes, em especial no sul do continente europeu. As décadas de 1960 e 1970 seriam conhecidos como os “anos de chumbo” da política italiana, com a acirrada disputa entre a Democracia Cristã, com a visão de mundo liberal-conservadora e o Partido Comunista Italiano, extrapolando os pleitos eleitorais: a disputa política invadiu as diferentes áreas da sociedade; ao mesmo tempo, surgiram grupos extremistas adotando táticas de guerrilha e terroristas<sup>77</sup>.

Inspirados em um desses grupos, torcedores do Sampdoria, time genovês, formaram a *Ultras Boys*, a primeira torcida ultra. O agrupamento refletia as características específicas da sociedade italiana, inseridas no contexto de “autonomização da juventude”, cujo expoente foram os movimentos jovens e estudantis de 1968. Outras torcidas ultras aparecem já no mesmo ano. Nesse cenário de ascensão da juventude, surgem outros movimentos de torcedores pelo mundo: os *hooligans* britânicos e as torcidas organizadas brasileiras, muitas delas carregando alcunha *jovem* no nome, ou seja, afirmando a juventude em um sentido etário, mas também de novidade, se contrapondo aos velhos modelos.

Há uma série de semelhanças entre esses diferentes modelos torcedores, mas como coloca Giullianoti, seria um erro conceitual equipara-las.<sup>78</sup> Os ultras possuem características específicas: além do clima de radicalismo político e da difusão cultural da juventude, como apontam Podaleiri e Balasteri<sup>79</sup>, os ultras surgiram confrontando as diretorias dos clubes, reivindicando participação nas decisões sobre o destino do time. A legitimação do direito a influenciar a vida do clube através da demonstração incondicional de amor pela equipe com a festa carnalizada em cores, cânticos, mosaicos, faixas e bandeiras. Essa festa exige coesão interna, alimentando a identidade

---

<sup>76</sup> HOBBSAWN, E. A era dos Extremos

<sup>77</sup> FLORENZANO, José. A Babel do Futebol: atletas multiculturais e torcedores ultras. p. 149-174, 2010

<sup>78</sup> GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002

<sup>79</sup> PODALIRI, Carlo; BALESTRI, Carlo. *The ultras, racism and football culture*. 1998.

coletiva entre o grupo de torcedores. Fenômeno que, como identifica José Florenzano, não se restringe às torcidas organizadas: a partir das décadas de 1960 e 1970 surgiram variadas formas de “virtualização da sociabilidade” entre a juventude.<sup>80</sup>

Essa sociabilidade requer uma poderosa coesão, reafirmada pelo domínio da arquibancada ou de um ponto específico dela, em geral, atrás do gol, a *curva*. A imposição das *curva* como espaço de direito dos ultras, se conquista com apelo à virilidade, que por vezes, ao longo da história das torcidas, se tornou violento. Contudo, diferentes dos *hooligans*, a violência para os ultras é um meio, não um fim. A violência é mais um elemento, importante, que constitui a prática e identidade do grupo.

Os confrontos mais agressivos se dão na dinâmica de rivalidade entre as equipes, que pode ser uma rivalidade local, como o clássico entre as equipes romanas, Roma e Lazio; ou nas disputas que evidenciam a desigualdade política e econômica entre o norte e o sul do país, como Juventus contra Napoli; ou ainda por orientações políticas opostas, como a torcida da Lazio, de extrema-direita, contra a torcida do Livorno, de extrema-esquerda.

A partir da década de 1990, uma legislação cada vez mais repressiva fez com que a rivalidade entre os torcedores fosse eclipsada pelo crescente ódio contra as autoridades de maneira geral e contra a polícia especificamente. Envolvendo as torcidas inglesas, as tragédias nos anos 1980, em Heysel e Heilsbourg, deslocaram a questão dos torcedores de problema social para caso de polícia. A repressão em escala continental contra os torcedores gerou uma resposta também articulada em nível internacional: A.C.A.B – *All Cops Are Bastards* [Todos os policiais são desgraçados] acrônimo presente em praticamente todos os estádios com torcedores ultras, que expressa a enorme rejeição das torcidas às forças policiais.

### **Os Ultras no Egito**

Entre os anos 1980 e meados da década de 2000, o campeonato italiano esteve entre os melhores e mais assistidos do mundo, contando com algumas das melhores equipes e jogadores do planeta. Nesse período, se desenvolveram os meios de comunicações que tornaram possível acompanhá-lo: primeiro a televisão por satélite e a cabo e em seguida a internet. As transmissões também evidenciaram os torcedores,

---

<sup>80</sup> *Ibid.*

tanto pela festa quanto pela violência. Torcidas Ultras surgiram em lugares diferentes como o Japão, a Indonésia e Alemanha, replicando o formato italiano. A concentração mais notória dos Ultras permaneceu no Mediterrâneo: sul da França, Sérvia, Croácia, Turquia, Grécia, Marrocos, Líbano, Líbia, Tunísia, Argélia e Egito.

Mohammed Bashir, egípcio torcedor e pesquisador dos ultras, aponta essa regionalização dos Ultras pelo Mediterrâneo, destacando que no norte da África foi na Líbia, em 1989, onde se formou a primeira torcida Ultra, sendo seguida por torcedores na Tunísia, na Argélia e no Marrocos. Bashir caracteriza os Ultras para além da festa carnalizada, ressaltando o apoio incondicional, que se manifesta com as caravanas para acompanhar o time em todos os lugares onde o time joga, e o que chama de uma “cultura anti-autoritarismo”, seja da polícia, da mídia, do governo, das diretorias dos clubes ou das federações. A crítica ferrenha da comercialização excessiva do jogo, expressado na palavra de ordem “contra o futebol moderno” também está fortemente presente nessa cultura torcedora. Focando no norte da África, especialmente no seu país natal, o Egito, Bashir não deixa de tratar, portanto, os Ultras como um fenômeno transnacional, o qual os torcedores de um país trocam experiência através da observação dos pares de outros lugares, quando não pelo encontro durante as partidas em competições internacionais.

No início da década de 1990, as torcidas oficiais, vinculadas as diretorias dos clubes, eram observadas com desconfiança e desprezo pelos torcedores aficionados: “As ligas de torcedores oficiais tinha legitimidade midiática como resultado do caráter oficial delas, ainda que elas não dominassem, controlassem ou sequer tivesse um papel mencionável nos estádios.”<sup>81</sup> Tal frustração estimulou os torcedores a buscarem formar outros tipos de organizações. No meados da década, um grupo de torcedores do Al Ahly, que se articulavam através de *chats* e *websites*, formaram uma torcida chamada União dos Amantes do Ahly, com “visível presença nos estádios do Egito, com bandeiras e festa.”<sup>82</sup> Essa União, independente da diretoria do clube e com presença nos estádios, seria mais um estímulo a novos grupos de torcedores.

Em meados da década de 2000, outras formações torcedoras começaram a surgir. Em 2007, alguns torcedores dos clubes mais populares do Cairo, Al Ahly e

---

<sup>81</sup> BASHIR, Mohammed. *The Ultras Book*. 2011

<sup>82</sup> WOLTERING, Robbert. *Unusual Suspects: “Ultras” as Political Actors in the Egyptian Revolution*. P 295

Zamalek, se organizam: surgem, respectivamente, o Ultras Ahlawy (UA), do Al Ahly, e o Ultras White Knights (UWK), do Zamalek, sendo seguidos pelas torcidas dos outros grandes clubes do país em diferentes cidades, como Ismalia, Alexandria e Port Said. Como coloca Zatmah, não é coincidência que o alvorecer do movimento ultra no Egito tenha ocorrido em paralelo ao estabelecimento de grupos de ativismo político.<sup>83</sup> Especialmente os jovens, que se aproveitando do citado desenvolvimento tecnológico, se organizaram por meio digitais, sintomático que grupos como Seis de Abril e o Somos Khalid Said, também tenham sido fundados em 2007.

No entanto, a composição social entre esses outros grupos jovens e torcedores é fundamentalmente distintas: as organizações civis da juventude, envolvidas posteriormente na revolta de 2011, eram majoritariamente pertencentes às classes média e altas, sendo produtos culturais da globalização em consonância com preceitos ocidentais; os ultras sendo originários das classes média-baixa e populares, vítimas diretas dos cortes provocados pelo liberalismo econômico, que promoveu a redução do investimento social, aplicado no Egito desde meados dos 1970, portanto com uma postura crítica aos mesmo valores democráticos e liberais.

O sentimento contra as autoridades é uma das manifestações mais comuns dos torcedores, sendo a internacionalizada inscrição A.C.A.B corriqueira nos meios pelos quais os ultras se expressam no Egito. O acrônimo é um dos elementos que os torcedores do país tomaram dos seus pares europeus, como a festa, a demonstração de paixão, o domínio da curva e a coesão, expressados principalmente nos estádios. Entretanto, fora das arquibancadas há também meios pelos quais se afirmam: faixas, marchas, páginas em redes sociais, websites e graffiti. Tanto dentro quanto fora do estádio as manifestações dos Ultras foram apresentando uma crescente politização.

### **Torcedores politizados**

Como os congêneres europeus, os Ultras do Egito manifestaram desde o surgimento uma atitude anti-establishment e anti-autoridade. Porém, diferentemente dos torcedores vivendo em democracias liberais, as torcidas no Egito não tinham partidos políticos com diferentes ideologias para alguma forma de vinculação,

---

<sup>83</sup> ZATMAH, S. *From Terso into Ultras: the 2011 Egyptian revolution and the radicalization of the soccer's Ultra-Fans*. p 807.

tampouco ideologias claras. “Ainda assim”, aponta Woltering, no Egito “uma consciência política coletiva entre os ultras emergiu”<sup>84</sup>. Algumas demonstrações dos torcedores podem indicar traços dessa consciência política para além da defesa do território e cultura torcedora no estádio, definindo como eles se relacionam com outras questões da sociedade.

No final de 2008, Israel lançou uma operação devastadora contra Gaza, conhecida internacionalmente como o “Massacre de Gaza”<sup>85</sup>, resultando em milhares de mortos e feridos. Os torcedores demonstraram solidariedade aos palestinos exibindo faixas, levantando bandeiras e cantando palavras de ordem enquanto durou a operação. Em 2009, os torcedores se envolveram em uma nova polêmica diante de uma disputa internacional. Vinte anos depois, em uma outra partida decisiva pela eliminatória para a Copa do Mundo, colocou novamente os egípcios frente aos argelinos em uma atmosfera de tensão.

Como em 1989, a partida entre Egito e Argélia definiu a última vaga africana para a Copa do Mundo de 2010, disputada na África do Sul, a primeira no continente. Na primeira etapa do confronto, quando os ônibus dos argelinos se dirigia ao hotel, onde se hospedariam no Cairo, um grupo de torcedores egípcios atacou o veículo com pedras, ferindo três jogadores da Argélia. A seleção egípcia venceu o jogo por 2 a 0, provocando uma imensa celebração no país. Milhares de caiotas tomaram as ruas da capital, carregando bandeiras, entoando cânticos nacionalistas e soltando fogos de artifícios. A intensidade da comemoração impressionou observadores externos, um jornalista estrangeiro comentou que “é possível pensar que o Egito tenha ganho uma guerra”.<sup>86</sup>

Mais preciso talvez fosse se chamar o jogo do Cairo de “batalha”, posto que havia ainda mais confrontos naquela “guerra”. Após a vitória argelina em Argel, houve a necessidade de um terceiro e decisivo jogo para o desempate. Diferente do “jogo do ódio” de 1989, a classificação ficou com a Argélia, que venceu a partida disputa no Sudão. Impossibilitado de colher os louros políticos da vitória, o governo de Mubarak

---

<sup>84</sup> WOLTERING, Robbert. *Unusual Suspects: “Ultras” as Political Actors in the Egyptian Revolution*. P 295

<sup>85</sup> TOPOL, S. Egypt-Algeria World Cup violence used to rally support for Mubarak regime. *CSMonitor*, 25 nov. 2009.

<sup>86</sup> POUPORE, Kelly. *New Actors In Egyptian Post-Revolutionary Politics: Soccer Hooligans*, p 9

partiu para uma retórica agressiva contra a Argélia. Algumas brigas entre torcedores argelinos e egípcios serviram de pretexto para Mubarak convocar o embaixador em Argel.<sup>87</sup> Como analisa o cientista político Muastafa Al-Said, o governo de Mubarak “deu ao jogo um caráter político”, com os jornais oficiais tratando o “encontro entre os dois times como algo muito importante, muito decisivo.” Alaa Mubarak, filho mais novo do presidente, empresário com pretensões políticas à época, “parecia incitar a população a guerra”<sup>88</sup> quando, em uma ligação telefônica no programa de entrevistas mais popular do país, declarou que “nós fomos humilhados e não podemos ficar em silêncio sobre o que aconteceu. Nós temos que ficar de pé. É o bastante. Chega, é o bastante.” O tom era de indignação que clamava por uma resposta, aparentemente, nada diplomática, Alaa afirmava que “o Egito deve ser respeitado. Nós somos egípcios, vamos ficar de cabeça erguida e quem nos insultar deve ter a cabeça esmagada.”<sup>89</sup>

O fervor nacionalista e a mobilização das massas presentes no pós-jogo, alimentadas por declarações oficiais como as de Alaa e estimuladas pela imprensa não ocorria em anos. Hossam el-Hamalawy, um jornalista egípcio, observou que “ambos Egito e Argélia tem atravessado problemas econômicos, além de crises políticas. O que melhor para distrair atenção popular do que uma guerra do futebol?” Poucos dias depois dos incidentes, o governo egípcio tratou de frear a situação, talvez receoso que “as coisas poderiam ir longe demais”. O ministro das Relações Exteriores declarou que o governo “não toleraria violência contra os interesses argelinos no país”, gradativamente as manifestações nacionalistas contra a Argélia foram diminuindo.<sup>90</sup>

Os confrontos contra a Argélia, tanto em 1989 quanto em 2009, mostram a indulgência de Mubarak com a violência por parte dos torcedores, se aproveitando da conotação política que lhe servia. Especialmente os tumultos de 2009, posto que na década de 2000, houve um enorme crescimento da oposição interna, com o surgimento de novas organizações civis, em um momento de agravamento da condição econômica por conta da crise de 2008<sup>91</sup>. Pode-se dizer que essas tentativas por parte do governo de Mubarak instrumentalizar a fúria e fervor da torcida foi bem sucedida nesses casos

---

<sup>87</sup> EGYPT-Algeria World Cup anger turns violent in Cairo. *BBC*, Cairo, 20 nov. 2009.

<sup>88</sup> *Ibid.*

<sup>89</sup> POUPORE, Kelly. *New Actors In Egyptian Post-Revolutionary Politics: Soccer Hooligans*, p 10

<sup>90</sup> MACKEY, R. Violence Flares Ahead of Algeria-Egypt Soccer Match. *New York Times*, Cairo, 13 nov. 2009

<sup>91</sup> ASWANY, Alaa Al. Egypt's Enduring Passion for Soccer. *New York Times*, Nova York, 16 abr. 2014.

conta a Argélia. No entanto as motivações que levaram o governo a essa leniência com os torcedores, além do leve e discreto estímulo, ainda permaneciam: a insuficiência econômica, com a carestia, a falta de perspectivas para a juventude e a ausência de representação política.

### A “Primavera Árabe”

A política econômica adota por Mubarak, bem ao citado estilo cauteloso com reformas muito lentas e graduais, seguiu os fundamentos básicos lançados por Sadat: a liberalização da economia do país, sem alterar o status quo, permanecendo setores chaves da economia controlados por empresários fiéis ao regime, frequentemente militares. Em 2004, a beira de uma crise fiscal, o governo flexibilizou a legislação trabalhista, abriu o setor financeiro ao capital internacional, liquidou bancos públicos e privatizou empresas públicas. Essa liberalização não atacou os privilégios daqueles próximos ao regime, pelo contrário, os reforçou: “Situações de conflito de interesse tornaram-se padrão com licitações e PPPs alocadas à empresas em que a família Mubarak e seus ministros ou parlamentares do PND detinham participação acionária significativa”.<sup>92</sup>

Depois de 2004, a economia crescia mas sem empregar os centenas de milhares jovens que entravam no mercado de trabalho anualmente. Se em 1980, um ano antes de Mubarak assumir, 60% dos jovens com curso superior conseguiam emprego público, em 2010, esse número era menos que 15%. Nessas condições o subemprego, ou empregos precarizados, entre os jovens aumentou de 14% em 2005 para 39% em 2010.<sup>93</sup>

A política econômica de Mubarak, portanto, resultou em crescimento do subemprego e da informalidade entre a juventude que completava seus estudos sem perspectivas concretas de empregabilidade.<sup>94</sup> Nesse contexto de desamparo, organizações questionadoras da ordem formadas por jovens surgiram, e rapidamente se fortaleceram como o Movimento 6 de Abril, data de uma greve em 2008, coletivo composto por ativistas críticos ao regime que se organizavam através de *blogs* e outras

---

<sup>92</sup> GONÇALVES, Luis. *Egito Revolução e Contrarrevolução (2011-2015)*. Brasília: FUNAG, 2017. p 75

<sup>93</sup> *Ibid.* p 77

<sup>94</sup> HASSAN, H. *Civil Society in Egypt under the Mubarak Regime*. p 120.

plataformas *online*, se valendo da expansão da internet no Egito no período, para promover paralisações reivindicatórias<sup>95</sup>. Outra organização com forte capacidade de mobilização da juventude egípcia à época era a Somos Todos Khlaed Said, nome de um jovem brutalmente assassinado pela polícia em 2010. Esses dois coletivos sintetizavam as demandas sociais que balizavam a visão política de boa parte da sociedade egípcia ao final da década de 2000: uma contra a precarização coletiva do trabalho e outra defendendo os direitos do indivíduo perante a violência policial.

Em dezembro de 2010, o vendedor ambulante Mohamed Bouazizi se autoimolou após ser humilhado por policiais na Tunísia. Esse ato provocou uma série de manifestações que questionavam o governo de Zine Ben Ali, no poder há décadas. A juventude tunisiana padecia de questões semelhantes a egípcia, como a precarização, a violência policial e as relações de clientelismo, com favorecimento pessoal aqueles ligados ao poder, o que pode ser entendido genericamente como “corrupção”. Em 14 de janeiro de 2011, pressionado pelas manifestações, Ben Ali abandonou o poder, no que ficou conhecido como a “Revolução de Jasmim”.

A coincidência dos motivos das manifestações entre tunisianos e egípcios era evidente. Embora o governo de Mubarak as negasse, afirmando preservar ainda mecanismos de proteção às camadas mais pobres.<sup>96</sup> No entanto, tal análise por parte das autoridades do Egito ignorou que os manifestantes na insurreição no país vizinho eram em boa parte jovens vindos da classe média com empregos precarizados ou desempregados.

A sequência de atos no Egito a partir da data da renúncia de Ben Ali, mostra semelhanças nos atores envolvidos, como relata Luiz Eduardo Fonseca de Carvalho Gonçalves, adido da embaixada brasileira no Cairo no período:

A partir de 18 de janeiro, foram registradas paralisações em diversas categorias do serviço público, de fiscais da Receita Nacional a médicos de hospitais públicos, de técnicos do Ministério da Agricultura a operários de unidades industriais têxteis.

---

<sup>95</sup> SHARP, Jeremy. Egypt: The January Revolution and Implications of U.S Foreign Policy. Washington: *US Congressional Research Service*, 2011. p 07.

<sup>96</sup> EZZAT, Dina. Invalid comparisons. *Al-Ahram Weekly*, n° 1032, 20 jan. 2011.



Ademais, no período de 15 a 21 de janeiro foram registradas onze autoimolações no Egito, com cinco mortes.<sup>97</sup>

Com greves e paralisações se multiplicando pelo país, diversos movimentos convocam uma grande manifestação no feriado nacional<sup>98</sup> subsequente: 25 de Janeiro.

## Os Ultras na Praça Tahir

Futebol é maior que a política. É sobre escapismo. O torcedor comum do Ahly é um cara que vive em um apartamento conjugado com a esposa, a sogra e cinco filhos. Ele ganha o salário mínimo e sua vida é horrível. A única coisa boa da vida é quando durante duas horas na sexta ele vai ao estádio e assiste o Ahly. As pessoas sofrem, mas quando Ahly ganha elas sorriem.<sup>99</sup>

As páginas do *Facebook* e do *Twitter* do *Somos todos Khaled Said* e do Movimento 6 de Abril convocaram para os protestos, alcançando centenas de milhares de pessoas. A *hashtag* #Jan25 foi replicada setecentas mil vezes. Se esses movimentos se engajaram claramente nas manifestações desde o princípio, o mesmo não pode ser dito sobre os Ultras. Há certas dúvidas se os torcedores estiveram, enquanto grupo organizado, desde o primeiro momento. Mohammed Bashir, no *Livro dos Ultras*, descreve que

No dia 22 de janeiro de 2011, precisamente, um vídeo apareceu no *youtube*, postado anonimamente, assegurando tanto a aqueles dispostos a sair

---

<sup>97</sup> GONÇALVES, Luis. *Egito Revolução e Contrarrevolução (2011-2015)*. Brasília: FUNAG, 2017. p 91.

<sup>98</sup> Em 25 de janeiro de 1952, policiais egípcios, na cidade de Ismalia, se recusaram a depor às armas diante das tropas britânicas que tomaram a delegacia. As imagens dos tanques britânicos assaltando o local impulsionaram manifestações pelo país. Em 2009, Mubarak tornou 25 de janeiro o Dia Nacional da Polícia. A ironia da data é ainda maior, pois Al Sisi tornou o dia 25 de janeiro também é um feriado relativo a Revolução de 2011.

<sup>99</sup> DORSEY, James. *The Turbulent World of The Middle East Soccer*. Londres: Oxford University Press, 2016c. p 34.

para [a manifestação] de 25 de janeiro, quanto aqueles que temem a brutalidade policial e sua repressão, que haveria um esquadrão egípcio capaz de defendê-los nas ruas, enquanto [o vídeo] exibia imagens de confrontos entre os grupos de torcedores egípcios, em particular do Al Ahli e Al Zamalek, com a polícia.<sup>100</sup>

Para dar mais credibilidade ao comunicado, o vídeo terminava mostrando que dias antes em uma partida, a torcida cantou “Túnis! Túnis”, ao que Bashir conclui que a mensagem “então indicava que a polícia egípcia teria o mesmo destino.” O vídeo foi divulgado por outras organizações, como a Somos todos Khaled Said, para demonstrar a adesão dos torcedores aos protestos.

Entretanto, contrariando a visão do autor, ressalta-se que o vídeo foi postado anonimamente e não pelos veículos de comunicação oficiais das torcidas. Ao contrário, poucos dias antes das manifestações, os Ultras Ahlawy e os Ultras White Knights, através dos canais oficiais negavam a convocação aos protestos. A página do *Facebook* do Ahlawy escreveu em 23 de Janeiro:

Ultras Ahlawy declaram que é unicamente um grupo de esportes, que não há inclinação política ou afiliações de qualquer tipo. Assim o grupo não participará das manifestações planejadas para acontecer nessa quinta 25 de janeiro.<sup>101</sup>

No dia seguinte, 24 de janeiro, paralelamente, o Ultras White Knights declarou que as afirmações sobre a participação do grupo nas manifestações “são sem qualquer base na verdade e não levam em consideração o papel do grupo e razão fundamental do seu estabelecimento.” Para tornar ainda mais incerto essa relação inicial entre torcedores e os protestos, os grupos deixavam claro nos comunicados que os “membros eram livres para participar individualmente das manifestações” bem como “livres na escolhas políticas”

---

<sup>100</sup> WOLTERING, Robbert. *Unusual Suspects*: “Ultras” as Political Actors in the Egyptian Revolution. p 297

<sup>101</sup> *Ibid.* p 299.

Zatmah aponta que a “recusa desses grupos bem organizados [o Ultras Ahlawy e o Ultras White Knights] em participar da coalização de grupos políticos jovens” foi baseada “no desencantamento com a política e o desânimo com manifestações políticas.”<sup>102</sup> Por outro lado, Dorsey, desconfiando das mensagens oficiais, afirma que “privadamente” ambos as torcidas estimularam a presença dos membros nos protestos, pois era por aquilo que eles trabalhavam “semanalmente nos confrontos com as forças de segurança nos estádios do Cairo”. Um líder dos Ultras, “cuja a identidade foi preservada”, entrevistado por Dorsey afirmou: “Nós lutamos por nossos direitos nos estádios por quatro anos. Isto nos preparou para esse dia. Nós dizemos a nossa gente que era nosso teste decisivo. Falhar não era uma opção.”<sup>103</sup>

Na Praça Tahir, o entusiasmo entre os ultras aumentou, pois no evento “perceberem que enormes multidões incomuns se juntaram aos protestos.”<sup>104</sup> Havia uma desconfiança entre os torcedores com os partidos e outras organizações políticas, vistas como dóceis, e de certa forma atreladas ao regime.<sup>105</sup> Da mesma maneira, os outros manifestantes registraram perplexidade diante da presença dos torcedores organizados, reconhecidos pelos cantos e marcas: “Os Ultras estão aqui. Eu sei porque eles são os únicos que encaram a Força de Segurança Central com força enquanto cantam seus hinos”, registrou no *twitter* o fotógrafo Mosa’ab Elshmay no primeiro dia de confrontos. “A juventude está fazendo um trabalho fantástico com as barricadas, segurança corre bem em todas as saídas. Deus os abençoe” comentou o blogueiro e ativista Hossam el-Hamalawy.<sup>106</sup>

A escolha da Praça Tahir para a manifestação teve múltiplos significados, envolvendo riscos e testando a força dos manifestantes. Dado a magnitude da praça, refletia antes de tudo o senso de confiança e empoderamento da juventude egípcia, pois

---

<sup>102</sup> ZATMAH, Shawki. *From Terso into Ultras: The 2011 Egyptian Revolution and the Radicalization of the soccer’s Ultra-Fans*. p 807.

<sup>103</sup> DORSEY, James. *The Turbulent World of The Middle East Soccer*. Londres: Oxford University Press, 2016c.

<sup>104</sup> ZATMAH, Shawki. *From Terso into Ultras: The 2011 Egyptian Revolution and the Radicalization of the soccer’s Ultra-Fans*. p 807

<sup>105</sup> FEBBRO, Eduardo. Una plaza sin jefes, órdenes, capitanes ni jerarquias. *Página 12*, Cairo, 27 nov. 2011.

<sup>106</sup> DORSEY, James. *The Turbulent World of The Middle East Soccer*. Londres: Oxford University Press, 2016c. p 52

apenas com um grande número de pessoas o protesto seria visível e “não marginalizado”<sup>107</sup>. O acesso à praça é através de largas avenidas, o que por um lado facilitava o acesso dos manifestantes ao passo que também os tornavam vulneráveis às ações de repressão. Uma escolha arriscada pois seria mais fácil reprimir os manifestantes, dispersar o protesto e localizar aqueles que participava do que pelos “labirintos estreitos”<sup>108</sup> que compõe outros bairros no Cairo. No entanto, a aposta feita pelos grupos organizados de jovens, trabalhadores e torcedores atendeu as expectativas, atraindo dezenas de milhares de pessoas, garantindo que o protesto não seria disperso, e que seria impossível para os meios de comunicação ignorar o que se passava.

A topografia da praça é intimamente ligada ao poder no Egito. No plano simbólico, há no centro da praça uma imagem de Omar Makram, líder da resistência contra Napoleão. Na parte sul, havia o escritório central do Partido Nacional Democrático, prédio que seria atacado e incendiado inúmeras vezes durante os protestos contra Mubarak. No outro lado, na parte norte o *Mugamma*, prédio de arquitetura soviética sede do governo, simbolizando a “administração corrupta e impenetrável da burocracia egípcia.”<sup>109</sup> Em outra parte da praça, localiza-se o Museu Nacional com sua arquitetura desenhada para reforçar a narrativa do legado histórico e triunfo nacional, indicando a excepcionalidade do nacionalismo egípcio.<sup>110</sup> Nas imediações da praça, nas ruas laterais, há ainda a sede da Liga Árabe, a Embaixada dos Estados Unidos e o Ministério do Interior, órgão que comandava as forças de repressão, portanto especialmente visado pelos torcedores e manifestantes.

O deslocamento dos Ultras para a Praça Tahrir significou, portanto, um movimento de um espaço público, porém limitado, o estádio, para o centro histórico do poder, a ampla praça virtualmente ilimitada, dando um novo alcance para as reivindicações. As marcas dessas manifestações foram expressos em grafites e murais nas imediações da praça. Nos muros e paredes, desenhos zombam dos figurões dos

---

<sup>107</sup> *Ibid.* p 49

<sup>108</sup> *Ibid.* p 54.

<sup>109</sup> *Ibid.* p 53.

<sup>110</sup> Como aponta Hourani, o nacionalismo egípcio articula a herança histórica da antiga civilização egípcia com a cultura árabe e o legado da experiência colonial. Do acúmulo dessas três, o Egito tem um lugar particular dentro do mundo.

regimes, enquanto enaltecem a resistência dos manifestantes e celebram a cultura torcedora.

Entre os elementos presentes no cotidiano dos Ultras, retratados nos grafites, estão as batalhas nos estádios contra as forças de segurança, e em menor escala contra outro grupo rivais. Nesses enfrentamentos se deu a organização, política e militar, dos torcedores. Os confrontos forçaram os torcedores a desenvolverem mecanismos e estratégias de sobrevivência desnecessários, logo desconhecidos, para a classe média e outros segmentos da sociedade egípcia. Os torcedores negam a política partidária, apontando uma radicalização de outro cunho:

“Nós limpamos a área de políticos. Competição no Egito é no campo de futebol. Nós quebramos as regras e os regulamentos quando nós pensamos que eles estão errados. Você não muda as coisas no Egito falando sobre políticas. Nós não somos políticos, o governo sabe disso e por isso tem que lidar conosco.”<sup>111</sup>

A declaração feita por um torcedor em 2010, na véspera das manifestações, após o grupo que estava superar uma barreira policial erguida para impedir que entrassem no estádio com bandeiras, sinalizadores e faixas. Assad, um líder dos Ultras Ahlawy, coloca que:

O antigo regime [de Mubarak] era muito desconfiado de qualquer coisa organizada. Eles tentavam controlar os sindicatos, eles tentavam controlar as uniões estudantis nas universidades e eles tentavam controlar a vida política. Repentinamente eles encontraram um grupo de pessoas jovens organizando a si mesmos no futebol. É por isso que tivemos tantos problemas. Eles não ficavam felizes com o fato de que você tem 20, 25 caras que comandavam 500 pessoas por duas horas. Para eles [as autoridades], eles [torcedores] agora estão falando sobre futebol, amanhã estarão falando sobre política, mas para nós, curiosamente, não temos intenção política alguma no momento. Eles fazem conosco por que eles tem medo (...) as pessoas

---

<sup>111</sup> ULTRAS Revolution. *Al Ahrām*, Cairo, 2 abr. 2012.

começaram a odia-los porque nós lutamos por nossa liberdade, porque acreditamos que temos direito.<sup>112</sup>

A violência das forças de segurança não distinguia clubes. Os torcedores dos rivais históricos Al Ahly e Zamalek sofriam igualmente nos estádios com a repressão. As mais famosa rivalidade futebolística entre os árabes também resultava em grandes confrontos entre os torcedores. O governo via os dérbis do Cairo com preocupação, insistindo que se realizasse em campos neutros, por vezes fora da cidade, com árbitros europeus. O clássico divide a cidade e o país, sempre envolvendo grandes operações policiais. Centenas de policiais da “tropa de choque” cercavam o estádio nos dias de jogo, sendo desafiados pelas estratégias dos torcedores<sup>113</sup>. As entradas e saídas do campo eram estritamente vigiadas, procurando evitar até o contato visual entre torcedores do clubes. A dimensão da rivalidade pode ser observada no depoimento de um torcedor:

“Futebol é uma coisa séria no Egito. É como religião. Na maioria dos países você nasce judeu, muçulmano ou cristão. No Egito você nasce Ahly ou Zamalek. As pessoas não vão perguntar sobre sua religião, elas perguntarão se você é Ahly ou Zamalek.”<sup>114</sup>

Um dos elementos centrais para os Ultras na Itália, apontam Podaliri e Balasteri, é o compartilhamento de uma “cultura de luta”, na qual cada grupo se confronta em uma batalha “para impor a força simbólica através de uma coreografia bela e impressionante (...) e com demonstrações de coragem”. “Antes ou depois do final da partida”, afirmam os autores, “os estádios e espaços abertos nas cercanias (incluindo estações subterrâneas de trem, de metrô, e similares) são territórios exclusivos que devem ser defendidos

---

<sup>112</sup> DORSEY, James. *The Turbulent World of The Middle East Soccer*. Londres: Oxford University Press, 2016c. p 64

<sup>113</sup> ULTRAS Revolution. *Al Ahrum*, Cairo, 2 abr. 2012.

<sup>114</sup> ZIERKY, Faroud. *Ultras in Egypt: The Power of Organized Soccer Fans and their Political Influence on the 2011 Egyptian Revolution and Post-Revolution Era*. The University of North Carolina at Chapel Hill. 2015

contra as investidas dos inimigos.” Sendo assim, para “defender o campo dos inimigos, os grupos Ultras tentam adotar táticas de guerrilha urbana.”<sup>115</sup>

Na ocupação da Praça Tahrir, os dois grupos de Ultras combinaram a habilidade tática, acumuladas com anos de enfrentamento, mútuos ou contra policiais, com a organização dos “serviços” necessários para manter os manifestantes na praça. Nos confrontos contra a polícia utilizavam a tática ofensiva do “bater-e-correr” [*hit-and-run*]<sup>116</sup>, o que permitia resistir aos gás lacrimogênio e golpes de cassetes graças a rotatividade daqueles que estavam na linha de frente. No recuo tático, os Ultras diminuía o passo para evitar o pânico, ao mesmo tempo que tocavam os tambores para manter o impacto da manifestação. Através da divisão do trabalho foi possível manter milhares na ocupação, com tarefas específicas para cada aspecto, da alimentação à coleta de lixo. Os Ultras especificavam o papel de cada um com fitas com as quais se identificam cada função, atendimento médico ou contato com a imprensa, por exemplo.<sup>117</sup>

A experiência dos Ultras também foi fundamental para o manter controle da praça diante das investidas dos apoiadores de Mubarak. Nessas batalhas contra outros adversários “civis”, os torcedores demonstraram a extensão do repertório para o confronto, apresentando “agentes” especializados em diferentes setores: alguns dos membros eram responsáveis pelo lançamento de pedras com estilingues, outros em virar veículos para serem utilizados como proteção, uma parte do grupo carregava escudos improvisados, havia ainda os *sayaadin* [caçador], que localizavam e devolviam as bombas de gás lacrimogênio atiradas pela polícia. No *twitter*, manifestantes registraram a utilização das táticas: “Na ponte Kasr El Nil, nós tomamos o controle estilo Gaza só com pedra contra armas de fogo.” comentou um ativista político. Duas horas mais tarde, um blogueiro escreveu que “agora nós estamos utilizando o caminhão da polícia para proteção e bloqueio das ruas e colocamos eles para correr.”<sup>118</sup>

Dorsey coloca que “para a juventude e para os torcedores essa era uma batalha que nada tinham a perder e tudo a ganhar.” Os enfrentamentos semanais nos estádios

---

<sup>115</sup> PODALIRI, Carlo; BALESTRI, Carlo. *The ultràs, racism and football culture in Italy*. p 43.

<sup>116</sup> DORSEY, James. *The Turbulent World of The Middle East Soccer*. Londres: Oxford University Press, 2016c. p 52.

<sup>117</sup> *Ibid.* p 57

<sup>118</sup> *Ibid.* p 62

contra a polícia acabaram por definir a identidade dos Ultras para si mesmos como os únicos leais ao clube. Gerry Finn argumenta que os torcedores tem:

uma identificação emocional e cognitiva com o clube, uma outra comunidade imaginária, os torcedores se veem como os reais apoiadores do clube. Eles se veem como provedores econômicos pela bilheteria e acreditam que são quem mantem as tradições do clube: torcedores se percebem como os guardiões morais do clube embora zeladores que se sentem explorados e frustrados por conta da falta de acesso na maioria das tomadas de decisão (...) A crença que o clube pertence aos torcedores aparece como uma distorção da realidade econômica, mas sendo mais uma declaração da intensidade dos sentimentos que os fãs têm por sua equipe e da expressão de sua crença do que eles são genuinamente parte disso.<sup>119</sup>

### **Os dias finais de Mubarak**

Acuado, Mubarak manobrou, sem sucesso, para controlar a transição. Primeiro tentou emplacar o próprio filho como o vice, ou seja sucessor, depois que algum aliado assumisse o posto. Entre os dias 27 de Janeiro e 7 de fevereiro de 2011, o governo investiu contra os manifestantes, que naquela altura já se espalhavam por todo país. As manifestações se transformaram em revolta popular, demonstrando ser impossível retomar o status quo anterior ao dia 25 de janeiro. A derrota das forças de segurança em reprimir os protestos no dia 28 de janeiro, conhecido como “Dia de Fúria”, acabou tendo efeito inverso, fortalecendo os manifestantes. De forma semelhante ao que aconteceria em manifestações na Turquia e no Brasil, ambos em 2013, a violência das forças policiais aumentou os protestos contra os governos, não os atenuou.<sup>120</sup>

Após os episódios de brutalidade policial, a Irmandade Muçulmana se viu impelida a também aderir as manifestações. A estrutura organizacional da IM incrementou a dos Ultras, sendo essencial nos primeiros socorros a feridos e no transporte de alimentação para áreas ocupadas por manifestantes. O grupo, a maior força política não-governamental do país, não se pronunciava em nome do

---

<sup>119</sup> FINN, Gerry. *Football Violence: a Societal Psychological Perspective*. p 101.

<sup>120</sup> Tactical retreat: Ultras absent from protests in Egypt and Turkey. *The Turbulent World of Middle East Soccer*, 13 jul. 2013.



manifestantes, se mantendo distante da situação. Se por um lado a Irmandade tinha tudo para ser a grande beneficiária de uma democratização do regime, pelo outro poderia sofrer uma nova onda de repressão caso os protestos fracassassem em conseguir a saída de Mubarak.

Assim Mubarak foi perdendo os apoios: após as derrotas vergonhosas para os manifestantes, comandados pelos torcedores, a polícia se retira das ruas e penitenciárias, o que acarretou fugas e rebeliões pelo país, ampliando enormemente o caos.<sup>121</sup> Sem policiamento, explodiu os assaltos a delegacias bem como ao comércio em geral. Os turistas, fonte fundamental da entrada de dólares no país, fugiram às pressas. Diante do cenário crítico, Mubarak apelou às Forças Armadas: colocou as tropas para reprimir os manifestantes e o comandantes no gabinete, substituindo os grandes e impopulares empresários. No dia 31 de janeiro, o governo dos EUA enviou um ultimato ao governo: Mubarak deveria iniciar o processo de transição, com eleições sem a presença dele nem a de seu filho Gamal. Na sequência, as Forças Armadas divulgaram comunicado em que declaravam reconhecer a “legitimidade das reivindicações do povo” e se comprometiam a “não fazer uso da força”.

No dia seguinte, centenas de milhares de manifestantes se ocuparam as ruas e as praças do país exigindo a “a queda do regime”, no que ficou conhecido como “A Marcha de Milhões”. Em novo pronunciamento, Mubarak afirmava “não ser candidato”, no entanto, nada falou do filhos.<sup>122</sup>

No dia 2 de fevereiro, a última, e desesperada tentativa do governo retomar o controle da situação através da violência: manifestantes pro-Mubarak armados com paus, facas e lanças, alguns montados em camelos e cavalos, atacaram o acampamento na Praça Tahir. Os manifestantes repeliram o ataque, no que ficou conhecido como “A Batalha dos Camelos” ou “A Batalha da Praça Tahir”. Mais uma vez a experiência e táticas dos ultras foram efetivas contra o ataque repressor: com coquetéis *molotov* e lanças improvisadas derrubavam as montarias. Também capturando alguns dos manifestantes pró-Mubarak, revelando serem mercenários, recrutados de gangues, conhecidos como *Baltagiya*. O Exército, que estava presente na Praça Tahir, nada fez

---

<sup>121</sup> GONÇALVES, Luis. *Egito Revolução e Contrarrevolução (2011-2015)*. Brasília: FUNAG, 2017. p 84

<sup>122</sup> DORSEY, James. Tactical retreat: Ultras absent from protests in Egypt and Turkey. *The Turbulent World of Middle East Soccer*, 13 jul. 2013

para conter a violência. Naquela momento emissoras internacionais de televisão já estavam presentes na praça. A batalha foi transmitida ao vivo para uma audiência global. O confronto marcou a inviabilidade definitiva do governo.<sup>123</sup>

Nos dias seguintes, o comando militar, diante da imensa repercussão negativa do confronto na Praça Tahir, tentou buscar uma saída negociada: desculparam-se pela violência, buscaram um acordo com os grupos presentes nos protestos e anunciaram que Gamal não seria candidato. Mesmo assim, no dia 8 de fevereiro, uma grande greve geral organizada por sindicatos independentes paralisou diversos setores da economia: como indústrias, transporte urbano, ferrovias e o Canal de Suez. Oficiais de média e baixa patentes começaram a se juntar aos manifestantes, o que colocava em risco a hierarquia militar, representando uma ameaça ao poder dos comandantes das Forças Armadas.

Com a economia paralisada e a cadeia de comando seriamente em perigo, o estamento militar decidiu-se pela saída de Mubarak. No dia 11 de fevereiro, o vice-presidente Omar Suleimen, em pronunciamento conjunto com o Ministro da Defesa Mohamed Tantawi, declarou a renúncia do presidente, com o poder passando para o Comando Supremo das Forças Armadas. A celebração que tomou conta das ruas do país marcou o início de uma transição conflituosa, marcada pelas dificuldades em conciliar os diversos atores, civis e militares, envolvidos em um novo período da política do Egito.

Uma canção dos Ultras Ahlawy celebra o momento:

“Quando a revolução explodiu, nós tomamos as ruas de toda a nação: nós morremos pela liberdade e caímos nas mãos da corrupção. Nós não terminamos ainda, como o regime ainda nos agride: os cães da polícia e a injustiça estão em todos lugares. Assassinam a revolução cada vez mais. A palavra “liberdade” deixa vocês loucos! Não importa quão brutal é a repressão, é apenas uma galinha contra minha voz.”<sup>124</sup>

---

<sup>123</sup> GONÇALVES, Luis. *Egito Revolução e Contrarrevolução (2011-2015)*. Brasília: FUNAG, 2017. P 88

<sup>124</sup> DORSEY, James. *The Turbulent World of The Middle East Soccer*. Londres: Oxford University Press, 2016c. p 62

## **Considerações Finais: a quebra da barreira do medo e Port Said**

Ao liderar a resistência dos manifestantes na ocupação da Praça Tahir, os ultras foram fundamentais para destruir o que Salwa Ismail descreve como “o medo e a cultura do medo, que o monitoramento constante, vigilância, humilhação e abuso criou”<sup>125</sup> na sociedade egípcia. John Chalcraft nota, em sentido semelhante, que para o cidadão egípcio comum o Estado “está nas celas de detenções, na corrupção nas delegacias, na violência, no sangue do povo.”<sup>126</sup> A polícia e forças de segurança do Egito constituíam boa parte da administração e burocracia do país, não importando o assunto: documentos, como carteiras de motorista, passaporte ou certidões de nascimento e morte; conflitos locais, organização eleitoral, questões trabalhistas, seguranças de eventos culturais, esportivos e mesquitas.<sup>127</sup> Estavam entre os atribuídos das forças de segurança, cuja eficiência e velocidade do serviço estava frequentemente ligada a alguma forma de suborno.

Em um relatório do Departamento de Estado dos Estados Unidos, escrito em 2009, aponta o desenvolvimento de uma “cultura de impunidade” graças a cooperação das forças policiais com grupos de criminosos. Grupos civis ou associações profissionais que se posicionavam contra o governo era intimadas por grupos criminosos armados. Muitas vezes esse grupo armavam tumultos, o que proporcionava o pretexto para a polícia intervir e deter figuras da oposição. De forma semelhante, a associação com grupos criminosos servia para extorquir pagamentos por proteção de comerciantes, empresários e indivíduos. Nessa relação estrutural entre a polícia e grupos policias, portanto, não eram apenas quem se opunha ao governo que padecia, mas cidadãos comuns, corriam risco de serem presos e sofrerem abusos. Uma canção dos Ultras Ahlawy traduz a percepção popular sobre a polícia:

“Ô ninho de corvos em nossa casa, quem sempre foi um fracasso na vida, no colegial, ele mal marcou quinze por cento. Através de subornos, sua "excelência" obteve uma educação e um diploma digno de cem faculdades, Ô ninho de corvos em nossa casa. Por que você está destruindo a alegria de

---

<sup>125</sup> Ibid. p 71

<sup>126</sup> SHARP, Jeremy. Egypt: The January Revolution and Implications for U.S Foreign Policy. Washington: US Congressional Research Service, 2011. p 11

<sup>127</sup> EGYPT protests: 'Rage against the system' in Cairo. *BBC*. 23 nov. 2011.

nossas vidas? Nós não faremos o que você quiser. Então, por favor, salve-nos sua graça. Vá em frente e invente um caso, já que isso é o que *Dahliya* [Ministério do Interior] geralmente faz. Eu fui preso e acusado de ser um terrorista internacional quando tudo que fiz foi acender uma tocha e cantar Ahly, Ahly.<sup>128</sup>

Durante o ano de 2011, os ultras seguiram quebrando a barreira do medo e denunciando a cultura da impunidade policial e das autoridades de segurança, bem como a própria condição do país. Na medida do impasse do Conselho de Segurança das Forças Armadas em conduzir eleições diretas, os manifestantes voltaram às ruas, novamente com os ultras na linha de frente. Confrontado a proibição de protestos por parte dos militares em junho daquele ano.

Em um incidente na fronteira, em agosto de 2011, cinco guardas egípcios são mortos pelo exército israelense, gerando grande fúria no Cairo. No dia 9 de setembro, uma enorme manifestação toma as ruas da capital, no protesto conhecido como “marcha da correção da revolução”. O título dado pelos manifestantes aos protesto evidenciava o desejo de comandar o processo político no país. A embaixada israelense no Cairo é cercada e invadida. A polícia tenta conter o protesto, mas acaba por ter dois caminhões incendiados, além de duas metralhadoras, bombas de gás, capacetes e escudos roubados pelos manifestantes. O conflito dura mais de dez horas, sendo transmitido ao vivo para todo país. Aos olhos da população, o Conselho militar que administrava, provisoriamente, o país se tornava cada vez mais parecido com o governo Mubarak.

Junto com outros grupos que estiveram nas manifestações que derrubou Mubarak, os ultras retornam a Praça Tahir em 18 de novembro, cobrando a renúncia do Conselho militar. A transição para o processo democrático não tinha regras claras o que abria possibilidade de uma nova ditadura militar tomar o poder, motivando os novos protestos. A repressão ficou a cargo das Forças Armadas que utilizou armamento letal. Mais de quarenta manifestantes foram mortos e centenas de feridos.<sup>129</sup>

Os militares e depois o primeiro e único presidente eleito pelo voto direto, Mohammed Morsi, da Irmandade Muçulmana, trabalharam para afastar qualquer condição para uma potencial segunda insurreição. As Forças Armadas, que tomaram o

---

<sup>128</sup> DORSEY, James. *The Turbulent World of The Middle East Soccer*. Londres: Oxford University Press, 2016c. p 63

<sup>129</sup> FEBBRO, Eduardo. Una plaza sin jefes, órdenes, capitanes ni jerarquias. *Página 12*, Cairo, 27 nov. 2011.

poder de Mubarak, com a promessa de realizar eleições em seis meses, demonstravam ter uma agenda totalmente distinta dos manifestantes: estavam determinados em manter os privilégios políticos, econômicos e de segurança acumulados, mas com uma suposta faceta democrática, sem tocar na estruturas do poder. As contradições entre as visões do futuro da junta militar que governava o país e os ultras, os torcedores manifestantes, se tornaram evidentes em Port Said.<sup>130</sup>

A cidade de Port Said, ao norte do país, próximo do Canal de Suez, é sede do Al Masry, cuja a rivalidade com o caiota Al Ahly carrega a disputa regional. O time do Cairo é o maior vencedor do país, sendo seguido pelo Zamalek, sendo o Al Masry a terceira força do Egito. Essa rivalidade adquiriu um novo elemento a partir dos eventos de janeiro de 2011: “os Ultras Ahlawy orgulhavam-se de serem líderes da revolução”, enquanto a torcida Green Eagles do Al Masry eram os “atrasados.”<sup>131</sup> Após o apito final do partida, que terminou com a vitória do time mandante por 3 a 1, milhares de torcedores do Al Masry invadiram o campo, armados com facas, paus, garrafas e pedras, indo em direção a torcida rival. Os ultras do Al Ahly estavam despreparados, ao tentarem fugir encontraram as saídas trancadas pelo lado de fora. Setenta e quatro torcedores foram mortos a facadas, espancados, pisoteados ou arremessados das arquibancadas. As cenas de extrema violência foram transmitidas ao vivo para todo país. Um torcedor descreveu os momentos de horror:

Erámos por volta de 800 pessoas esmagadas todos esmagados dentro do túnel de 60 metros quadrados. Começamos a cair um em cima dos outros, eram cinco camadas de pessoas umas sobre as outras... Tudo que você podia ver era a metade de um humano. Você via só a parte de cima, você poderia ver a cabeça e o corpo separados. Você podia ver a mão, somente uma mão dos seus amigos, apenas tentado pedir ajuda ou algo assim. Os policiais não fizeram nada, eles só assistiram. O exército estava vigiando o portão e só assistiram ao massacre.<sup>132</sup>

Imediatamente após o episódio ficou claro para grande parte da população, além dos torcedores, que a violência em Port Said não havia sido espontânea, ao contrário,

---

<sup>130</sup> GONZALEZ, Ricardo. Confronto entre torcedores e polícia no Egito deixa um morto. O *Globo*, 24 mar. 2012.

<sup>131</sup> DORSEY, James. *The Turbulent World of The Middle East Soccer*. Oxford: Londres, 2016c p 67

<sup>132</sup> *Ibid.* p 71

fora planejada e politicamente inspirada. “Isso é uma guerra que foi planejada e premeditada”, declarou Ehab Ali, o médico do Al Ahly ainda no gramado.<sup>133</sup> Aboutrika, camisa dez do Al Ahly, considerado um dos maiores jogadores africanos de todos os tempos, corrobora essa visão: “As forças de segurança nos abandonaram, eles não nos protegeram. Um torcedor morreu no vestiário, na minha frente.”<sup>134</sup> Políticos e ativistas seguiram na mesma linha de questionamento: “A razão para esta tragédia é negligência deliberada e ausência de política”<sup>135</sup>, disse Essam El Erian, deputado do Partido da Justiça e Liberdade, ligado a Irmandade Muçulmana. O deputado Ziad Al Elaimy, do Partido Social Democrata, destacou que o massacre ocorreu praticamente um ano depois da Batalha dos Camelos na Praça Tahir e no dia seguinte da visita do Marechal Tantawi ao parlamento, cobrando a manutenção do estado de emergência no país<sup>136</sup>. Um dos manifestantes que participaram da ocupação na Praça Tahir, o professor da Universidade Americana do Cairo, Essam Sharif, resumiu as dúvidas: “O que aconteceu em Port Said é uma mensagem para a revolução?”<sup>137</sup> O Conselho Supremo das Forças Armadas, por sua vez, anunciou três dias de luto oficial, anunciando uma “rigorosa investigação”, mas ressaltando que “isso ocorre em qualquer lugar do mundo”, “não sendo isso que vai trazer o Egito para baixo.”<sup>138</sup>

Dorsey enumera as dúvidas que ainda perduram sobre o ocorrido:

Por que tantas ocorrências que a violência poderia ocorrer foram ignoradas, incluindo as ameaças no Twitter? Por que os portões do estádio estavam trancados? Por que os torcedores não foram revistados e conseguiram entrar armados, considerando o histórico de violência entre as torcidas? Por que as luzes foram desligadas quando o confronto começou? O que explica a contradição que a violência no futebol ocorra por iniciativa dos torcedores que perderam o jogo e não dos que ganharam, como aconteceu em Port Said?<sup>139</sup>

---

<sup>133</sup> SPENCER, Richard. Egyptian football violence: at least 70 people dead after fire and riot at Egyptian football match. *The Telegraph*, Cairo, 02 fev. 2012.

<sup>134</sup> Ibid.

<sup>135</sup> KIRKPATRICK, David. In Clashes With Police, Egyptians Unleash Fury Over Soccer Riot Deaths. *New York Times*, Cairo, 2 fev. 2012.

<sup>136</sup> DORSEY, James. *The Turbulent World of The Middle East Soccer*. Oxford: Londres, 2016c p 71

<sup>137</sup> Ibid.

<sup>138</sup> LEYNE, Jon. Egypt football violence leaves many dead in Port Said. *BBC*, Cairo, 02 fev. 2012

<sup>139</sup> DORSEY, James. *The Turbulent World of The Middle East Soccer*. Oxford: Londres, 2016c p 73

A trajetória da politização das torcidas organizadas no Egito, usando a violência em um sentido revolucionário indica algumas respostas. Ao desafiarem o regime, não combatiam apenas Mubarak, mas também toda uma estrutura de poder baseada no medo, que os agentes de segurança exerciam sobre a população, e na impunidade, para que se impusessem livremente sobre os cidadãos. O massacre no estádio de Port Said foi a tentativa do restabelecimento do medo e da impunidade que a ocupação da Praça Tahir conseguiu superar.

Nos meses seguintes, os ultras clamaram por justiça para os mártires, em protestos que colocaram a junta militar na defensiva, as por pouco tempo, apenas seis meses depois de Port Said, foi realizada a primeira e única eleição livre com voto universal no Egito, que elegeu Mohammed Mosri. As sentenças, algumas de pena de morte, se concentram exclusivamente sobre os torcedores do Al Masry, garantindo a impunidade aos militares e policiais que deveriam garantir a segurança. Tal veredicto não agradou os torcedores do Al Ahly, muito menos os do Al Masry, que se viram como os “bode expiatório” do processo.<sup>140</sup> Esses protestos se demonstraram problemáticos, e de certa forma, um barômetro para onde o vento ia soprar no governo Mosri. Atentos ao rumo dos acontecimentos, os torcedores não participaram dos protestos que derrubaram o presidente eleito e conduziram o Egito para uma nova ditadura militar do Marechal Al Sisi.<sup>141</sup>

Essa ditadura perdura até hoje, sob uma roupagem democrática, reforçado as culturas de medo e impunidade que os ultras ajudaram a derrotar temporariamente. Os ultras, da sua parte, preservam a experiência revolucionária que viveram e celebram os mártires em uma canção:

Em Port Said, as vítimas viram a traição antes da morte. Eles viram o regime que oferece o caos como única alternativa. O regime que pensou que suas garras o faria intocável. E faz o povo revolucionário ajoelhar diante

---

<sup>140</sup> JUSTIÇA do Egito confirma pena de morte para dez envolvidos na tragédia de Port Said. *ESPN*, 20 jul. 2017.

<sup>141</sup> DORSEY, James. Tactical retreat: Ultras absent from protests in Egypt and Turkey. *The Turbulent World of Middle East Soccer*, 13 jul. 2013.

da lei militar. Nunca mais! Apenas liberta mais seus cães e espalha caos por todo lado. Eu nunca vou confiar em você, não vou deixar você me controlar nenhum dia mais.<sup>142</sup>

## Referências

ASWANY, Alaa Al. Egypt's Enduring Passion for Soccer. *New York Times*, Nova York, 16 abr. 2014. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2014/04/17/opinion/egypts-enduring-passion-for-soccer.html>>. Acesso em: 12 de jun. 2018.

BARAKA, M. *The Egyptian Upper Class Between Revolutions, 1919-1952*, Reading: Ithaca Press, 1998

BASHIR, Mohammed. The Ultras Book. 2011. In: WOLTERING, Robbert. Unusual Suspects: “Ultras” as Political Actors in the Egyptian Revolution. In: *Arab Studies Quarterly*. Vol 35.3, 2013, p 290-304.

BLOOMFIEL, S. *Africa United: How Football Explains Africa*. Londres: Canongate Books, 2011

BORDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa, 1500 - 1800*. São Paulo: Companhia de Bolso, 1989.

DARBY, Paul. Africa and the ‘World’ Cup: FIFA Politics, Eurocentrism and Resistance. In: *The International Journal of the History of Sport*, Vol. 22, No. 5, 883 – 905. Roulledge: Londres, 20005

DI-CAPUA, Yoav. Sports, Society, and Revolution: Egypt in the Early Nasserite Period. In: PODEH, E; WINCKLER, O. *Rethinking Nasserism: Revolution and Historical Memory in Modern Egypt*. Gainesville: University Press of Florida, 2004, p. 144-162

DORSEY, James. Soccer versus Jihad: a drawn. In: *American Behavioral Scientist*. Sedona: SAGE, 2016a

---

<sup>142</sup> DORSEY, James. *The Turbulent World of The Middle East Soccer*. Oxford: Londres, 2016c p 69.



\_\_\_\_\_. Post-Mubarak Egypt: A Paradigm Shift. In: Soccer: *Moulding the Middle East and North Africa*. Utrecht: Universiteit Utrecht, 2016b.

\_\_\_\_\_. *The Turbulent World of The Middle East Soccer*. Londres: Oxford University Press, 2016c

\_\_\_\_\_. Tactical retreat: Ultras absent from protests in Egypt and Turkey. *The Turbulent World of Middle East Soccer*, 13 jul. 2013. Disponível em: <<http://mideastsoccer.blogspot.com.br/2013/07/tactical-retreat-ultras-absent-from.html>> Acesso em 14 jun. 2018

DUNN, M. *The Denshawai "Incident" 107 Years Later: A Symbol of Colonial Arrogance Unforgotten in Egypt*, Disponível em: <<http://mideasti.blogspot.sg/2013/06/the-denshawai-incident-107-years-later.html>>. Acesso em 13 jun. 2018.

EGYPT-Algeria World Cup anger turns violent in Cairo. *BBC*, Cairo, 20 nov. 2009. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/8369983.stm>>. Acesso em 14 jun. 2018

EGYPT protests: 'Rage against the system' in Cairo. *BBC*. 23 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/av/world-middle-east-15864733/egypt-protests-rage-against-the-system-in-cairo>> Acesso em: 12 jun. 2018. Acesso em 09 jun. 2018

ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Diefel, 1992.

ENNARAH, Karim. The Ultras Ahlawy: Football, Violence, and the Quest for Justice. *The Century Foundation*, Cairo, 11 abr. 2017. Disponível em: <https://tcf.org/content/report/the-ultras-ahlawy/> Acesso em: 14 jun. 2017.

ERGIL, Daglu. 2014. *On Football, Today's Zaman*. Disponível em; <[http://www.todayszaman.com/columnist/dogu-ergil/on-football\\_353397.html](http://www.todayszaman.com/columnist/dogu-ergil/on-football_353397.html)> Acesso em: 15 de junho de 2017

EZZAT, Dina. Invalid comparisons. *Al-Ahram Weekly*, n° 1032, 20 jan. 2011. Disponível em: <http://weekly.ahram.org.eg/2011/1032/eg6.htm>. Aceso em 19/07/2017

FEBBRO, Eduardo. Una plaza sin jefes, órdenes, capitanes ni jerarquias. *Página 12*, Cairo, 27 nov. 2011. Disponível em: <<http://m.pagina12.com.ar/diario/elmundo/4-182149-2011-11-27.html>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

FINN, Gerry. Football Violence: a Societal Psychological Perspective. In: GIULIANOTTI, Richard; BONNEY, Norman. (org.) *Football, Violence and Social Identity*. Abingdon: Routledge, 2013.

FLORENZANO, José. A Babel do Futebol: atletas multiculturais e torcedores ultras. In: *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p. 149-174, 2010

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. São Paulo: Zahar, 2005.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002

GOLDBLATT, David. *The Ball is a Round: a Global History of Soccer*. Nova Iorque: Penguin UK, 2006.

GONÇALVES, Luis. *Egito Revolução e Contrarrevolução (2011-2015)*. Brasília: FUNAG, 2017.

GONZALEZ, Ricardo. Confronto entre torcedores e polícia no Egito deixa um morto. *O Globo*, 24 mar. 2012. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/confronto-entre-torcedores-policia-no-egito-deixa-um-morto-4401685>> Acesso em: 24 jun. 2018.

HENRY,I; AMARA, M; TAUQI,M. Sport, Arab Nationalism and The Pan-Arab Games. In: *International Review for the Sociology of Sport*, 38/3, 295-310. Londeres: SAGE, 2003.

HASSAN, H. Civil Society in Egypt under the Mubarak Regime. In: *Afro Asian Journal of Social Sciences*, Volume 2, No. 2.2 Quarter II.

HOURANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Pensamento Árabe na Era Liberal 1789-1939*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

JUSTIÇA do Egito confirma pena de morte para dez envolvidos na tragédia de Port Said. *ESPN*, 20 jul. 2017. Disponível em: <[http://espn.uol.com.br/noticia/672651\\_justica-do-egito-confirma-pena-de-morte-para-dez-envolvidos-na-tragedia-de-port-said](http://espn.uol.com.br/noticia/672651_justica-do-egito-confirma-pena-de-morte-para-dez-envolvidos-na-tragedia-de-port-said)>. Acesso em 12. jun. 2018. Acesso em 12 jun. 2018

KERMODE, F. *A Linguagem de Shakespere*. Rio de Janeiro, Record, 2007

KILLERARN, M. *The Killearn diaries, 1934-1946*: The diplomatic and personal record of Lord Killearn (Sir Miles Lampson), High Commissioner and Ambassador, Egypt, London: Sidgwick and Jackson, 1972

KIRKPATRICK, David. Egyptian Soccer Riot Kills More Than 70. *New York Times*, Cairo, 02 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2012/02/02/world/middleeast/scores-killed-in-egyptian-soccer-mayhem.html>>. Acesso em 12 jun. 2018

\_\_\_\_\_. In Clashes With Police, Egyptians Unleash Fury Over Soccer Riot Deaths. *New York Times*, Cairo, 2 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2012/02/03/world/middleeast/egypt-mourns-lethal-soccer-riot-and-many-blame-military.html>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

LEVINE, Mark. The revolution, back in black. *Al Jazeera*, Cairo, 2 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2013/02/201322103219816676.html>>. Acesso em 10 jun. 2018.

LEYNE, Jon. Egypt football violence leaves many dead in Port Said. BBC, Cairo, 02 fev. 2012. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-16845841>. Acesso em 14 jun. 2018.

MACKEY, R. Violence Flares Ahead of Algeria-Egypt Soccer Match. *New York Times*, Cairo, 13 nov 2009. Disponível em: <https://thelede.blogs.nytimes.com/2009/11/13/egypt-and-algeria-brace-for-match-of-hate-sequel/>. Acesso em 14 jun. 2018

MEDIA trade blame over Egypt football stampede. BBC, 9 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-31299125>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

MELLO, Bernardo. Blindado na bola, exposto na política: Egito busca retomar protagonismo na Copa Africana. O Globo, Cairo, 01 fev. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/blindado-na-bola-exposto-na-politica-egito-busca-retomar-protagonismo-na-copa-africana-20850505>>. Acesso em 11 jun. 2018

MONTAGUE, James. Egypt against Algeria revives some bitter memories. *World Soccer*, 13 dez. 2009. Disponível em: <[http://www.worldsoccer.com/features/egypt\\_against\\_algeria\\_revives\\_some\\_bitter\\_me](http://www.worldsoccer.com/features/egypt_against_algeria_revives_some_bitter_me)

[mories part one by james montague features 290898.html](#)>. Acesso em 14 jun. 2018

\_\_\_\_\_. Egypt versus Algeria: Inside the storm. *CNN*, Cairo, 27 nov. 2009. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2009/SPORT/football/11/20/egypt.algeria.inside.story/>>.

Acesso em 14 jun. 2018

\_\_\_\_\_. Egypt's rift with Algeria became a political football. *World Soccer*, Cairo, 11 dez. 2009. Disponível em: <https://www.worldsoccer.com/uncategorized/egypts-rift-with-algeria-became-a-political-football-writes-james-montague-292877>. Acesso em 14 jun. 2018

NOVA tragédia ligada ao futebol deixa 19 mortos no Egito. *G1*, Cairo, 09 fev. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/02/nova-tragedia-ligada-ao-futebol-deixa-19-mortos-no-egito.html>>. Acesso em 12 jun. 2018.

OLIVER, Brian. Twenty years on, the 'hate match' between Egypt and Algeria is on again. *The Guardian*, Londres, 10 out. 2009. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/blog/2009/oct/10/egypt-algeria-repeat-hate-match>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

PODALIRI, Carlo; BALESTRI, Carlo. The ultras, racism and football culture in Italy. In: BROWN, Adam (org.). *Fanatics! – identity, power and fandom in football*. Londres: Routledge, 1998.

POUPORE, Kelly. New Actors In Egyptian Post-Revolutionary Politics: Soccer Hooligans. In: *Law Scholl Student Scholarship*, paper 548, 2014.

RAAB, Aron. Soccer in the Middle East: an introduction. In: *Soccer & Society* Vol. 13, Nos. 5–6, 619–638. Londres: Dodge, 2013.

RANDLE, Debbie. Rival football 'ultras' united in Egyptian protests. *BBC*, Tunis, 31 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/newsbeat/article/12914113/rival-football-ultras-united-in-egyptian-protests>> Acesso em: 13 jun. 2018.

REDAÇÃO. O que pode estar por trás do massacre de torcedores no Egito. *Época*, Rio de Janeiro, 02 fev. 2012. Disponível em: <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/ofiltro/2012/02/02/o-que-pode-estar-por-tras-do-massacre-de-torcedores-no-egito/>> Acesso em 14 jun. 2018

RIVALRIES persist at Cairo football match - 14 Nov 09. *Al Jazeera*, 14 Nov. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JTQbpQheqn4>>. Acesso em 13 de jun. de 2018.

ROSS, Aaron. In Egypt, Rival Ultras Meet to Show Common Cause. *New York Times*, Cairo, 13 mar. 2012. Disponível em <<https://goal.blogs.nytimes.com/2012/03/13/in-egypt-rival-ultras-meet-to-show-common-cause/>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

SHARP, Jeremy. *Egypt: The January Revolution and Implications for U.S Foreign Policy*. Washington: US Congressional Research Service, 2011.

SPENCER, Richard. Egyptian football violence: at least 70 people dead after fire and riot at Egyptian football match. *The Telegraph*, Cairo, 02 fev. 2012. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/sport/football/9055424/Egyptian-football-violence-at-least-70-people-dead-after-fire-and-riot-at-Egyptian-football-match.html>>. Acesso em 14 jun. 2018.

TOPOL, S. Egypt-Algeria World Cup violence used to rally support for Mubarak regime. *CSMonitor*, 25 nov. 2009. Disponível em: <<https://www.csmonitor.com/World/Middle-East/2009/1125/p06s20-wome.html>> Acesso em 12 jun. 2018

TORCIDA pede saída de chefe da junta militar egípcia após mortes em jogo. *GI*, Cairo, 02 fev. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/02/torcida-pede-saida-de-chefe-da-junta-militar-egipcia-apos-mortes-em-jogo.html>. Acesso em 14 jun. 2018

TUASTAD, Dag. From football riot to revolution. The political role of football in the Arab world. In: *Soccer & Society*. Londres: Dodge, 2013.

ULTRAS Revolution. *Al Ahram*, Cairo, 2 abr. 2012. Disponível em: <[http://weekly.ahram.org.eg/2012/1091/\\_fr1.htm](http://weekly.ahram.org.eg/2012/1091/_fr1.htm)> Acesso em: 12 jun. 2018.

WICKHAM, C.R. *Mobilizing Islam: religion, activism, and political change in Egypt*. Columbia University Press, 2002

WILLIAMS, Richard. *O campo e a cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WILSON, Steve. Egypt v Algeria: why World Cup play-off is football's most explosive match. *The Telegraph*, Cairo, 17 nov. 2009. Disponível em:

<https://www.telegraph.co.uk/sport/football/world-cup/6590046/Egypt-v-Algeria-why-World-Cup-play-off-is-footballs-most-explosive-match.html>. Acesso em 13. jul. 2018.

WISNIK, Jose. *Veneno Remédio* - O futebol e o Brasil. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.

WOLTERING, Robbert. Unusual Suspects: “Ultras” as Political Actors in the Egyptian Revolution. In: *Arab Studies Quarterly*. Vol 35.3, 2013, p 290-304.

ZATMAH, Shawki. From Terso into Ultras:The 2011 Egyptian Revolution and the Radicalization of the soccer’s Ultra-Fans. *Soccer & Society*, v 13.5-6, 2012, p 801-813

ZIERKY, Faroud. *Ultras in Egypt: The Power of Organized Soccer Fans and their Political Influence on the 2011 Egyptian Revolution and Post-Revolution Era*. The University of North Carolina at Chapel Hill. 2015